

PELA TRILHA  
DA SENSIBILIDADE

Berenice Gehlen Adams

1ª Edição  
Apoema Cultura Ambiental  
Novo Hamburgo/RS  
2015

**Fotografia da capa:**

Leonardo Bouffleur

**Revisão:**

Alice Gehlen Adams

**Capa, projeto gráfico e diagramação:**

A autora

**Ficha Catalográfica:**

A211p	Adams, Berenice Gehlen Pela trilha da sensibilidade / Berenice Gehlen Adams. – Novo Hamburgo : Apoema Cultura Ambiental, 2015. 128 p.
	1. Educação ambiental – Sensibilização 2. Educação - Prática – Meio ambiente
	CDU 371.13:574

Bibliotecária responsável: Maria Denise Mazzali Konarzewski,  
CRB10/843

# Sumário

Prefácio.....	5
Apresentação .....	9
Pela trilha da Educação Ambiental.....	17
Ciranda que aprisiona e sentidos para libertar-se .....	32
O que é sensibilidade? .....	45
O que é sensibilizar?.....	49
Alguns aspectos das atividades de sensibilização.....	55
Sensibilização e crianças, pequenas (e grandes).....	67
Atividades de sensibilização na prática: relato de uma jornada.....	75
- <i>Atividade de apresentação pessoal</i> .....	76
- <i>Registros das expectativas</i> .....	77
- <i>Apresentação da jornada</i> .....	81
- <i>Preparação corporal e mental (ativando todos os sentidos)</i> ...	82
- <i>Despertando a visão</i> .....	84
- <i>As cores do mundo</i> .....	86
- <i>Mapa do som</i> .....	87
- <i>Padrões da natureza</i> .....	88
- <i>Catando coisas</i> .....	89
- <i>Caçada ecológica</i> .....	89
- <i>O que está diferente?</i> .....	90
- <i>Para navegar rumo à mudança</i> .....	91
- <i>Pegada ilustrada</i> .....	92
- <i>Identificando-se com um elemento da natureza</i> .....	92
- <i>História dos objetos</i> .....	93

- <i>Caminhada em grupo, em silêncio</i> .....	95
- <i>Caminhada em duplas, um sem enxergar</i> .....	97
- <i>Atividades com poemas</i> .....	98
- <i>Dinâmica final: Marcas</i> .....	104
- <i>Atividade final e de avaliação</i> .....	105
Avaliação da jornada .....	107
Resultados.....	115
Considerações finais .....	119
Referências Bibliográficas.....	123

## Prefácio

*Pela Trilha da Sensibilidade* é o mais recente livro-fruto da árvore da vida de Berenice Gehlen Adams. Árvore da vida – e de vidas – cultivada, cuidadosa e amorosamente, no campo da Educação Ambiental, desde há muito tempo. Um cultivar cheio de esperanças e utopias concretizáveis, que exigiu muito trabalho associado à paciência, persistência, criatividade, colaboração e, acima de tudo, sensibilidades necessárias ao saber-fazer artesanal singular desta educadora ambiental comprometida com a vida de forma incondicional.

Um compromisso ético e estético que nos serve de referência em nossa práxis enquanto educadores ambientais. Bere, como carinhosamente é chamada por muitos de nós, não se cansa de afirmar que a “*Educação Ambiental melhora-nos em todos os sentidos, nos tornando mais fraternos, não somente com o meio ambiente, mas com a gente também*”. Pode-se acrescentar, a partir de agora, que a Educação Ambiental nos torna mais sensíveis também.

Neste livro ela se dedica a sistematizar e compartilhar suas recentes vivências e experiências na formação de educadores ambientais tendo a *sensibilidade* como uma dimensão essencial da condição humana em suas diversas formas de habitar este planeta bem como da diversidade de relações com a natureza. Em cada lugar existe um conjunto próprio e predominante de sensibilidades à natureza e às pessoas. Compreender essa peculiaridade e multiculturalidade é essencial para transformarmo-nos e, a partir daí, transformar o mundo a nossa volta. Tarefa que envolve sensibilidades capazes de provocar ações conscientes, individuais e coletivas.

A sensibilidade, o sensível, os sentidos, a percepção, a sensibilização e o ato criativo são as sementes deste fruto-livro multicolorido que merece ser provado e saboreado por todas as pessoas sensíveis ou com sede de sensibilidade neste mundo atual, acinzentado e anestesiado pela sociedade da informação.

Um tema emergente (tanto em urgência como em evidência) não apenas na Educação Ambiental, mas principalmente nela, que carece de publicações que tratem desse tema. Uma lacuna injustificável na medida em que a sensibilização é diretamente associada ao campo da Educação Ambiental. A sensibilidade torna-se um elemento essencial e raro no mundo atual com fortes implicações para o campo da Educação Ambiental.

*Pela Trilha da Sensibilidade* é uma oferta generosa da autora sobre suas reflexões e aprendizados

enquanto educadora ambiental e, em especial, sobre seu trabalho de inclusão da sensibilidade nas dinâmicas e práticas educativas. É um livro-fruto impregnado de afetividade, bondade, alegria, sabedoria, criticidade, solidariedade e esperança.

Que cada leitor possa saboreá-lo aproveitando suas sementes para um plantio fértil de possibilidades transformadoras e libertárias.

Itajaí, outono de 2015.

*José Matarezi*



## **Apresentação**

### ***O que é que dá sentido à vida?***

*Dolorosamente, sem alcançar resposta,  
À tão instigante pergunta  
Nasce uma inquietação...  
O que dá sentido à vida?  
Despertem sentidos, andem!  
Línguas, salivem  
Ouvidos, ouçam  
Narizes, farejem  
Olhos, vejam  
Mãos, toquem  
Despertem, sentidos, andem!  
E, num prolongado abraço,  
Seja em uma pessoa, em um animal,  
Em uma árvore ou  
Em si próprio...  
Sinta, com todos os sentidos,  
a resposta para esta pergunta.  
Prazerosamente, ao alcançar respostas,  
À tão instigante pergunta  
Nasce uma emoção...  
A de redescobrir o sentido da vida:  
Sentir cada momento  
Calorosa e fervorosamente  
Com todos os sentidos  
É o que dá o sentido à vida!*

*Berenice Gehlen Adams*

Este livro nasce depois de uma longa gestação de sonhos idealizados em uma trajetória pela Educação Ambiental (EA), e concretiza a ideia advinda de muita reflexão sobre as lacunas de uma educação que promova mudanças. Em um comentário de meu marido, Pedro Adams Júnior (parceiro incansável desta caminhada), durante uma conversa informal, a ideia foi fecundada:

– Bere, falta sensibilização!

– Sim, é isto!

Motivada pela ideia do Pedro, sobre a falta de sensibilização ser uma das lacunas a serem preenchidas dentro da Educação Ambiental e, até mesmo dentro de nossas ações diárias, passei a observar e a pesquisar sobre a importância do sentir para perceber, para conhecer, para entender, para conscientizar, para informar, para agir e intervir, e me convenci de que ele tinha razão.

Desde o início percebi que estudos sobre atividades de sensibilização ainda são escassos e, por isto, este livro certamente não esgotará o assunto, pelo contrário, poderá servir para abrir portas a outras questões necessárias de serem abordadas e aprofundadas sobre a temática.

Esta percepção sobre a falta de sensibilização, ou de sensibilidade, relacionada – entre outros fatores que cabem ser mais explorados –, à falta de utilizarmos os nossos sentidos para perceber a vida com seus

complexos significados e suas intrincadas conexões, se revela na visão de uma das pessoas mais sensíveis e sensibilizantes que já conheci, o professor Carlos Eduardo Matheus, coordenador da área de Educação Ambiental do Centro de Recursos Hídricos e Ecologia Aplicada (CRHEA), Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo.

Em seu mais recente livro, Matheus (2014) apresenta esta preocupação em relação à importância dos sentidos, dos sentimentos, dos contatos diretos com a natureza, das emoções que estamos deixando de sentir e de perceber:

Penso que os humanos precisam muito de experiências diretas. Precisamos aprender a ouvir mais o canto dos pássaros, o estrilar dos grilos e de inúmeros outros insetos, o coaxar dos sapos, rãs, pererecas, perceber e interpretar os sinais do mundo natural do qual pertencemos e muitas vezes não temos esta consciência. Precisamos aprender a ler e interpretar o livro da Criação. (MATHEUS, 2014, p. 33)

Este aprendizado a que se refere o professor Matheus, o de aprender a ler e interpretar o livro da Criação, pode ser proporcionado através do desenvolvimento de atividades que envolvam e integrem o ser humano ao ambiente, à vida, através dos sentidos.

A vida educa e ensina a todo o instante, e perdemos grandes oportunidades de aprendizado pela nossa

falta de atenção para os pequenos e aparentemente “desimportantes” elementos do cotidiano, como sons, cores, texturas, cheiros, detalhes, e desperdiçamos demasiada energia com atividades que nos regulam, nos seguram, nos mantêm distraídos, nos manipulam. O maior exemplo disto é o uso desmedido de aparelhos celulares (e outros equipamentos eletrônicos) que mudou até paisagens urbanas por onde circulam pessoas, muitas delas de cabeça baixa, com todos os sentidos focados em um retângulo luminoso, como se o mundo à sua volta não existisse. Assim, forma-se uma geração de cabisbaixos.

O ato de sensibilizar, ou de sensibilizar-se, é um dos principais componentes que elaboram a nossa percepção de mundo. Segundo Duarte Jr. (2000):

Sentir o mundo consiste, primordialmente, em sentir aquela sua porção que tenho ao meu redor, para que então qualquer pensamento e raciocínio abstrato acerca dele possa acontecer a partir de bases concretas e, antes de tudo, sensíveis. (DUARTE JR., 2000, p. 181)

A educação sempre enfrentou problemas e, atualmente, enfrenta vários “furacões”, sobrevivendo com dificuldades. Nesse aspecto, as atividades de sensibilização podem trazer grande contribuição, no sentido de sensibilizar para positivar ações, quando tudo é negativizado com: “Não faça isso!”, “Não faça aquilo!”, principalmente em atividades de Educação Ambiental: “Não desperdice!”, “Não polua!”, Não jogue

lixo no chão!”. Ensinamos e aprendemos, cada vez mais, o que *não* deve ser feito, mas continuamos fazendo, então, ensinamos mesmo? Aprendemos mesmo?

Todos os setores da sociedade vêm sofrendo as mazelas do descontrole ambiental e por esta razão é responsabilidade da educação inserir atividades que sensibilizem o olhar, o ouvir, o enxergar, o tocar, o cheirar, para transformar posturas e atitudes, porque:

[...] não se pode furtar à discussão mais ampla da questão ambiental, do tema da ecologia, tão atual e que vem merecendo a atenção de inúmeros críticos de nosso presente estágio de desenvolvimento. Porque, se por um lado tal questão tem a ver com a própria saúde planetária e com o modelo instrumental de progresso que adotamos, por outro [...] ela se liga diretamente à nossa sensibilidade, à forma como o ambiente nos chega e nos penetra os sentidos. (DUARTE JR.2000, p.31)

Quando passamos a prestar mais atenção às mínimas coisas, que no dia a dia passam desapercibidas, tanto dos ambientes naturais, quanto dos ambientes construídos e urbanos, quer seja em casa, no trabalho, na escola, nos damos a oportunidade de resgatar a nossa conexão com o ambiente, com a Terra, com o divino. Não importa a nossa crença. O que importa é ampliar o sentido da vida, resignificando-a em toda sua amplitude.

Aos poucos fomos nos desconectando dos detalhes que nos envolvem, porque a vida está cada dia mais mecanizada e tecnológica, sequestrando a nossa atenção e anulando os nossos sentidos. Ficamos, assim, como um cão sem o faro, como um abutre sem a visão, como uma baleia sem a audição, e nos tornamos “presas fáceis” da manipulação e das intempéries da natureza.

Sobre isto, Boff (2011) faz um alerta:

Nos dias atuais devemos escutar o que as nuvens negras, as florestas das encostas, os rios que rompem barreiras, as encostas abruptas, as rochas soltas nos advertem. As ciências na natureza nos ajudam nesta escuta. Mas não é o nosso hábito cultural captar as advertências daquilo que vemos. E então nossa surdez nos faz vítimas de desastres lastimáveis. Só dominamos a natureza, obedecendo-a, quer dizer, escutando o que ela nos quer ensinar. A surdez nos dará amargas lições. (BOFF, 2011, s/p)

As crises ambientais pelas quais o planeta está passando, sejam elas por mudanças climáticas naturais e/ou por interferência humana, justificam as palavras de alerta de Boff.

Para lidar de forma coerente, consciente e transformadora com toda esta gama de situações que vivenciamos, este livro propõe um olhar mais aprofundado sobre a importância da sensibilidade no dia

a dia, em todos os setores da atuação humana – não somente em escolas.

O livro está dividido, basicamente, em duas partes que são interligadas e complementares.

Na primeira parte, apresento um pouco da minha trajetória pela Educação Ambiental, além de alguns aspectos teóricos relevantes, que envolvem a sensibilização, propriamente dita, e a sua importância para uma aprendizagem com significado, com sentido, com sentimento, com emoção.

Apresento, também, ideias e relatos de autores que vivenciam e pesquisam estas práticas educativas, dando uma direção para navegar nesta viagem conceitual e metodológica.

Na segunda parte, apresento o relato de uma jornada de atividades práticas de dinâmicas e sensibilização realizada com uma turma de alunos do curso de Pós-Graduação em Educação Ambiental da USP/SC/SP.

O relato das atividades realizadas em grupo, em duplas ou individualmente, com diferentes recursos pedagógicos, em diferentes ambientes, enriquece o panorama do tema abordado.

Assim, o livro contempla alguns aspectos teóricos e outros práticos sobre atividades de sensibilização para a Educação Ambiental, e, conseqüentemente, para o ressignificado do sentido de viver.

Antes de finalizar esta apresentação, faço um agradecimento especial à minha grande amiga e incentivadora Solange Terezinha de Lima Guimarães, companheira de sonhos, reais e virtuais, que me deu, entre tantos presentes, uma experiência única, a de um fazer que aqui se torna concreto, palpável. Através dela, conheci o professor Matheus e a família do CRHEA (USP/SC), que me acolheram da forma mais generosa e respeitosa que já fui recebida algum dia.

Deixo, também, a minha profunda gratidão ao professor da UNIVALI – Itajaí/SC, José Matarezi (uma das maiores referências do tema *sensibilidade*, pelas suas práticas e pesquisas no campo da Educação Ambiental, destacando o programa “Trilha da Vida”, que já alcançou mais de 20 mil pessoas desde 1997), (MATAREZI, 2006, p. 183), pela pessoa sensível que ele é, e pela generosidade de dialogar comigo sobre o texto para deixá-lo alinhado tanto quanto possível, ao conceito de sensibilização, conceito este que tem outros desdobramentos, além dos aqui apresentados. A ele agradeço, também, por aceitar o desafio de prefaciar esta obra.

Pedro, Sol, Matheus, Matarezi, alunos e alunas da Pós-Graduação em Educação Ambiental do CRHEA (USP/SC), muito obrigada!

## **Pela trilha da Educação Ambiental**

*“O homem  
não pode suportar uma vida  
sem significado”.*  
(Carl Jung)

Comecei a pesquisar Educação Ambiental (EA) na década de 90, época em que ocorreu uma das mais importantes conferências ambientais de todos os tempos, realizada no Brasil (a ECO 92, conhecida também como RIO 92). Foi quando iniciei meus primeiros registros pedagógicos sobre uma forma de inserir a EA à rotina escolar, o que resultou na publicação do meu primeiro livro, em 1997. Foi através desta publicação que passei a desvendar um novo horizonte para o ato de educar, onde o meio ambiente marca presença no dia a dia da rotina educacional, deixando de ser apenas o cenário do antropocentrismo.

Desde então, houve uma grande transformação em minha atuação como pessoa, como educadora e como cidadã. Como forma de ilustrar essa transformação, é possível afirmar que é como se eu tivesse passado do estágio de espectadora para o estágio de atriz (de tanto assistir peças, me envolvi, aprendi a representar, a entrar

em cena), atuando diretamente no palco da vida. E nesse processo se amplia e se aprofunda a percepção da minha interferência no cenário real, onde a vida acontece, do qual somos partes integrantes, portanto, inseparáveis.

Assim, quando a EA entrou em minha vida, ela provocou uma verdadeira revolução, não somente em meus pensamentos pedagógicos, mas também, no âmbito pessoal, comprovando que a EA ultrapassa os muros dos ambientes educacionais.

Antes, eu tinha uma visão de que era extremamente necessário alcançar um padrão de vida alto, sofisticado e confortável para me tornar uma pessoa “bem-sucedida”. Não há dúvidas de que ter um bom padrão de vida é importante, dentro deste sistema de vida capitalista onde estamos inseridos, que nos exige muitas responsabilidades financeiras pelo simples fato de estarmos vivos, porém, segui-lo à risca é reduzir o sentido da vida ao utilitarismo e à materialidade.

Ao afirmar que a EA provoca mudanças nas pessoas, confirma-se o seu potencial transformador:

[...] A EA mudou a minha visão de mundo. A convivência com os alunos, os desafios, os obstáculos, o pensamento de “pensar globalmente, agir localmente” tinha realmente mudado meus conceitos e perspectivas com relação à vida. A EA é a esperança que nunca morre. (SILVA, 2012, p. 157)

A mudança começa a acontecer, justamente, quando deixamos de perceber apenas fragmentos em suas especificidades, mas como estes fragmentos estão conectados entre si, conosco e com o todo, ampliando a nossa percepção para uma visão de totalidade.

Na percepção compartimentada, advinda da cultura consumista e degradante, a visão que temos do nosso próprio corpo também fica distorcida. Temos uma visão equivocada do nosso ser, do nosso corpo, do nosso espírito, que pode ser resignificada com atividades de sensibilização, porque:

Hoje, o corpo humano é dissociado do seu significado maior: o corpo é um conjunto de pedaços; uma soma de órgãos, que resulta em um mecanismo vivo, porém, dissociados da mente, dissociados do espírito [...] Somos corpo, mente, espírito. O corpo é veículo, a mente é raciocínio e o espírito é amor. O corpo, a mente e o espírito formam o eu. O eu, os outros e o meio formam a Terra. A Terra, a Lua, o Sol, as estrelas, os planetas, formam o Sistema Solar, e este, por sua vez, é parte integrante do infinito. Desta forma, há que se perceber que formamos um todo maior que o nosso próprio corpo. Não somos um corpo separado, e sim, integrado com o Universo. (ADAMS, 2002. s/p)

A unicidade do corpo integrado e expandido também é reconhecida na Teoria das Cinco Peles, de Hundertwasser, artista, ambientalista e pensador vien-

se, que sugere a integração do ser humano ao todo por camadas de peles, a partir de uma espiral concêntrica, conforme afirma Barros (2008). A autora destaca que, para Hundertwasser,

[...] a espiral parte do eu-profundo para o mundo exterior, operada por osmose, nas cadeias sucessivas dos níveis de consciência. Hundertwasser acredita o homem como um ser de camadas, que se desenrolam espiraladas a partir da primeira pele, epidérmica, em direção à quinta, a pele planetária, pelas etapas sucessivas da segunda pele, o vestuário; a terceira pele, a casa; e a quarta pele, a identidade, o meio social, que transcende a família na nação. As cinco peles de Hundertwasser são um plano de vida – e mais: uma reflexão profunda do ser e estar sobre a terra. (BARROS, 2008, p. 15)

A transmissão destas cinco peles, para Hundertwasser (op. cit) se desenvolve em situações de alargamento destas peles, de forma espontânea.

Porém, a compreensão desta ligação do corpo com o universo, ou deste alargamento de peles que se expandem, não é percebida pela visão fragmentada e utilitarista que predomina em nossa sociedade.

Com esta visão fragmentada, separamos tudo, fragmentamos espaços, e daí vem a tendência de agir de forma impulsiva, compulsiva, apressada, desconectada da vida e do tempo presente. Assim, vivemos com pouco

sentido, muita expectativa, insatisfação, e focados no trabalho.

Esta tendência se acentua quando estamos intensamente conectados às novas tecnologias da informação (telefonia celular, Internet, computadores, etc).

O desenvolvimento dos recursos tecnológicos acontece de forma tão acelerada, que mal conseguimos acompanhar a sua evolução. Estes recursos são embalados nas promessas de agilizar e facilitar a nossa vida, porém, ao mesmo tempo, acaba atingindo a percepção que temos da vida ao nos tornar excessivamente dependentes dela. Sem contar o alto custo para mantê-la sempre atualizada, tendo em vista que, em pouco tempo, produtos se tornam obsoletos ou incompatíveis com novos modelos e versões, conforme a obsolescência programada, prática industrial oculta, apresentada no vídeo *Comprar, tirar, comprar – la historia secreta de la obsolescência programada* (2010).

Por esta razão, muitos equipamentos estragam, coincidentemente, logo após o vencimento do prazo de garantia. Reduzir, deliberadamente, a durabilidade dos produtos para incentivar vendas e lucrar mais, sem dúvida, evidencia uma percepção de vida utilitarista, materialista, que precisa ser revista, alterada e incluída nos processos educacionais.

A percepção humana em relação à natureza pode ser representada através da degradação atual dos ecossistemas e pelo excessivo con-

sumo dos recursos naturais. Esse panorama desafia a cultura e a educação contemporânea em encontrar e oferecer propostas na formação humana. (RUSS, ALMEIDA e SAVI, 2009, s/p)

Como a educação se efetiva através de um sistema disciplinar e fragmentado, há uma grande dificuldade no entendimento de uma EA que esteja presente em todas as disciplinas, ou seja, que se trata de uma prática interdisciplinar, conforme o estabelecido na maioria dos documentos referência da EA, inclusive da Lei Nº 9.795/1999, que institui a EA no Brasil.

Esta dificuldade de compreensão se revela quando se percebe que muitas pessoas (educadores, professores, gestores, monitores) fazem a EA e acham que não a fazem, e o contrário também acontece, quando atividades tidas como práticas de EA são pontuais e ainda passam a incentivar um determinado tipo de consumo, como por exemplo, campanhas e gincanas de recolhimento de determinadas embalagens, que premiam turmas ou alunos que mais angariam tais materiais. Porém, para vencer, muitos alunos e até famílias passam a adquirir produtos para ter mais embalagens e adicioná-las na competição.

A maioria das campanhas para recolhimento de determinadas embalagens, nos ambientes educacionais, são meramente comerciais e estão focadas pura e simplesmente no consumo destes produtos: “Consumam os produtos que nós mostramos como vocês podem reciclar as embalagens”. Tais campanhas incentivam o lado aves-

so do consumo: o consumismo, que é o consumo exagerado, que gera desperdício, muito resíduo, além de provocar problemas de saúde nas pessoas, e em todo o ambiente.

A dificuldade de compreensão de uma EA interdisciplinar é evidenciada, também, quando a EA se limita a abordar temas de forma unilateral como lixo, bacias hidrográficas, reciclagem, e/ou também, na promoção de eventos em datas comemorativas, sem um olhar ampliado para o contexto da vida como um todo.

Estas são percepções distorcidas da EA evidenciadas pela ingenuidade de uma compreensão equivocada que tais campanhas, atividades pontuais, eventos desconectados, contribuem com o meio ambiente, quando alguns estão até na direção oposta da sustentabilidade ambiental.

Conforme Oliveira e Vargas (2009):

[...] o fator cultural tem predominado na manifestação da percepção humana sobre as questões ambientais, gerando hábitos e condutas condizentes com tal percepção. Como os conceitos de cultura e natureza são categorias construídas socialmente, dependendo dos tipos de interpretações dados a esses conceitos, cada cultura vai estabelecer uma relação mais próxima ou mais afastada em relação ao meio ambiente. Observa-se, na cultura ocidental contemporânea, o fortalecimento da dicotomia homem-natureza, onde o ser hu-

mano é não-natureza, alterando sua percepção da realidade. (OLIVEIRA; VARGAS, 2009, p. 313)

Neste percurso, de aproximadamente 20 anos, trilhando pela EA, desenvolvendo diversos materiais e publicações que promovem interação entre as pessoas que trilham pelo caminho da EA, foram ocorrendo muitas mudanças, tanto pessoais como no próprio desenvolvimento da EA. Porém, a prática educativa comprova, até hoje, as mesmas dificuldades iniciais que podem ser advindas da falta de sensibilização, tanto por parte dos professores, quanto por parte de gestores educacionais, alunos, comunidade escolar, pessoas em geral, porque precisamos, mais do que nunca, de:

Uma educação ambiental que ultrapasse os limites das disciplinas e das hierarquias, que amplie nossa capacidade perceptiva dos diversos níveis de realidade e complexidade, que alimente o nosso imaginário e o sonho coletivo de um mundo melhor. Que instaure sentido às nossas vidas e ao conhecimento. Que não tenha medo da complexidade e do (des)conhecido. Que permita o diálogo de saberes e sabores. Que seja sensível, que tenha e dê sentido a nossa militância. Seja transgressora, militante, provocativa, portanto proativa e política. Que seja emancipatória, transformadora e crítica. Que permita uma (re)descoberta de: Quem eu sou? Quem somos nós? Onde e como vivemos? Que seja espelho interno e externo de minha/nossa existência. (MATAREZI, 2006, p. 196)

Para desenvolvermos essa EA tão ricamente delineada por Matarezi (op. cit) e tão almejada por outros envolvidos nesta prática educacional e preocupados com a temática ambiental como um todo, precisamos reaprender o sentido da vida, e para isto, não são necessários muitos investimentos financeiros, nem muitos recursos tecnológicos. Apenas disposição e os cinco sentidos de cada um, pois, a partir deles e do que lhes é oferecido, nos sensibilizamos, e começam as transformações.

Desde o ano de 2002 sou editora responsável pela revista eletrônica Educação Ambiental em Ação ([www.revistaea.org](http://www.revistaea.org)), da qual tenho, entre outras, a coordenação da seção de entrevistas. Trimestralmente apresento a trajetória de alguma pessoa que tem um trabalho significativo relacionado ao meio ambiente e/ou educação.

Em algumas das entrevistas, questiono se houve um momento especial que motivou aquela pessoa a se interessar pelas questões ambientais, e a maioria retrata algum acontecimento que a sensibilizou, com raras exceções.

Para exemplificar, ao entrevistar a jornalista paulista Sucena Shkrada Resk, que, entre outras atividades, mantém o Blog Cidadão do Mundo, inicio perguntando quando começou o interesse dela pelas questões ambientais, na carreira de jornalista. Obteve a seguinte resposta:

Sucena Shkrada Resk – O meu interesse ou sensibilização começou desde o início de minha carreira, há 20 anos. Ao atuar em uma rede de jornais de bairro, em São Paulo, como repórter, via nos problemas e iniciativas cotidianas vivenciadas pelas comunidades com relação ao meio, à gestão pública e iniciativa privada, um laboratório “vivo”, que vinha ao encontro de meus questionamentos sobre a dificuldade de melhoria da qualidade de vida, com as quais me deparava como profissional e cidadã... Inconscientemente, já tendia a me aproximar de temas sobre justiça socioambiental. Nos anos seguintes, essa identificação cresceu, de forma mais amadurecida, por meio das pautas que defendia e gostava de realizar em diferentes veículos que atuei. Mas, de forma mais sistemática, a partir de 2008, quando comecei a escrever de forma mais assídua (como jornalista colaboradora em site e revistas) sobre o tema e me aprofundar nas pesquisas sobre a área socioambiental. Nesse período, também dei início, de forma regular, aos artigos no meu blog Cidadãos do Mundo e, no ano seguinte, fiz a pós lato sensu em Meio Ambiente e Sociedade. Uma necessidade de absorver mais conhecimentos, que mantenho até hoje. (ADAMS, 2014, p. 172)

É interessante salientar que na minha pergunta não menciono a palavra “sensibilização”, e ela começa a sua resposta fazendo referência a este conceito. Outro aspecto que pode ser salientado da sua resposta é que ela percebeu o seu diversificado ambiente de trabalho como

um “laboratório vivo”, e sensibilizou-se pela temática ambiental. E é exatamente isto o que a EA promove ao nos aprofundarmos na sua essência, como se fosse um redespertar para a vida, redescobrimo seus sentidos que, aos poucos, vamos perdendo em uma vida apressada e consumista.

Já não conseguimos perceber e sentir de forma consciente as consequências desta modernidade e deste atual modelo de desenvolvimento onde predomina a fragmentação, a hiper-especialização, a razão instrumental, o conhecimento disciplinar e o reducionismo. Onde se nutre a mitificação da ciência e da tecnologia como salvação e acelera-se o ritmo da vida numa sociedade de consumo insustentável. Ou seja, de uma crise de sentido, de consciência e de percepção caracterizada por dois vazios: o vazio social externo e o vazio pessoal interno. (BAREL, apud PINEAU In: MATAREZI, 2006, p. 190)

Estamos tão envolvidos por estímulos externos, das mais diversas mídias nas quais estamos conectados, que nem sequer percebemos o quanto estamos desconectados da vida propriamente dita. As atividades de sensibilização, sem dúvida, promovem este redespertar, através de diferentes recursos pedagógicos.

Ao entrevistar a pedagoga e mestre em Educação, a professora Liana Márcia Justen, que é consultora em EA, fundadora e moderadora do grupo: Materiais de EA, entre outras atividades, perguntei-lhe quais

os recursos pedagógicos mais indicados para atividades de sensibilização ambiental, e ela me respondeu:

Liana Márcia Justen – Temos de começar uma atividade em EA pela sensibilização. De nada adianta apresentar, por exemplo, uma palestra técnica, ou um filme com apelo sentimental, e permanecer na técnica ou no sentimentalismo; os recursos precisam tocar, ao mesmo tempo, a razão e a emoção, visando a compreensão da responsabilidade individual e coletiva de cuidar do planeta e de tudo o que nele vive. A EA deve tocar coração e mente, corpo e alma... Os recursos pedagógicos devem ser escolhidos entre os meios que facilitem esse tipo de comunicação. Uma imagem, um relato, um filme, uma história, uma vivência, uma notícia, uma canção, uma poesia, um jogo, uma brincadeira... Atingindo emoção e razão ao mesmo tempo. Há muitos filmes bons e atividades ao ar livre que potencializam as relações com a natureza. (ADAMS, 2014, p. 151)

Ao longo de 50 edições da revista, já foram realizadas mais de 60 entrevistas, todas muito marcantes, porém, destaco agora, uma pergunta com resposta que me sensibilizou muito, porque tive o privilégio de assistir, pela televisão, a este momento narrado acontecer, porém, sem perceber uma ação que extrapolou a gravação.

Entre outras questões dirigidas ao apresentador do programa Mundo Selvagem, do canal por assinatura

*National Geographic*, Richard Rasmussen, destaque esta pergunta e a sua respectiva resposta:

Bere – Cada experiência que você vive e disponibiliza para as pessoas através dos programas é um verdadeiro tesouro, principalmente pela emoção que você nos passa. Mas, tem uma destas experiências que assisti e que considero mais do que especial, foi quando uma arraia, surpreendentemente, deu à luz e você pôde até pegar um dos filhotes. Como você descreve este momento?

Richard – Você é muito observadora Bere. Foi a primeira vez em tantos anos viajando para gravar animais que me deparei com uma situação como esta. Estávamos gravando um especial sobre grandes peixes de couro e no Rio Amazonas, os pescadores estavam de sobreaviso que se pegassem um grande peixe como uma piraíba ou jaú grande, que não o matassem, que se comunicassem comigo antes. O pescador em questão nos ligou dizendo ter um grande peixe preso na linha e eu fui sem saber do que se tratava, quando tiraram aquele “monstro” de arraia da água. Eu nunca tinha visto uma arraia de água doce tão grande em minha vida. Imediatamente, comprei a arraia do pescador pelo preço que ele conseguiria no mercado e pedi ajuda para soltá-la, o que causou grande surpresa nele e em seu filho. Como alguém compra um peixe para soltá-lo? A arraia ainda, depois que tiramos o anzol da sua boca e iniciamos sua descida de volta ao rio, pariu dois filhotes

bem na nossa frente devido ao estresse. Tudo novidade para mim. Eu já sabia que isso seria possível, mas nunca tinha testemunhado de perto. Mas o melhor foi colocar a arraia mãe de volta à água com a ajuda do pescador. Ele nunca tinha estado em sua vida com este animal, dentro da água de uma forma tão tranquila e segura como a que passei para ele. Sua relação com a fauna, especialmente peixes, sempre foi muito bruta. A primeira coisa que ele teria feito seria cortar o ferrão com o facão. De repente, ele está na água com este colosso de arraia que ele morre de medo, vendo um cara segurar o bicho por este mesmo ferrão, soltando o bicho vivo. Então, ele chamou o filho para dentro da água para poder participar daquele momento que, tenho certeza, mudou a forma que ele enxergará a natureza. (ADAMS, 2014, p. 197)

Emocionante o depoimento do apresentador, pois eu não fazia ideia desta sua atitude: da compra de animais pescados, para solta-los em seguida, e ainda, sensibilizando as pessoas envolvidas.

Tempos depois, assisti a outro programa no qual ele procurava, no Pantanal, uma sucuri gigante, com o auxílio de um morador local. Depois de muitas buscas, finalmente avistaram a cobra. Conseguiram carregá-la com um bote até um espaço apropriado para examiná-la. Richard tomou as medidas dela e a mostrou para as câmeras, sempre manuseando-a com muito cuidado. Antes de solta-la, perguntou ao morador se ele já havia estado tão perto desse animal, e sorrindo, o ajudante

tocou na cobra dizendo que não, e saiu muito impressionado com aquele ser vivo, como se estivesse vendo-o pela primeira vez (e estava). Uma experiência sensibilizadora, especialmente, para aquele cidadão.

Esta trajetória pela EA continua, apesar de árdua e por vezes desestimulante, quando nos deparamos com novos problemas que poderiam ser evitados, com o surgimento de soluções que são ignoradas e dificultadas, e com o descaso governamental e da maioria das pessoas para estas questões.

A sensibilização, agora, passa a ser o eixo desta viagem...



## **Ciranda que aprisiona e sentidos para libertar-se**

*“Somente uma conversão  
– ou uma reconversão ética –  
poderá inverter  
o círculo vicioso da inércia,  
da ganância, do desperdício,  
da insensibilidade,  
para uma existência  
de zelo pela natureza.  
De uso responsável.  
De desenvolvimento sustentável.  
De sensibilidade ambiental.  
De amor à natureza e de amor ao próximo.  
De respeito à vida.  
De luta permanente  
para consecução  
de uma vida digna”.*  
(José Renato Nalini)

Fazemos parte de uma ciranda, uma roda viva que nos leva como se estivéssemos dentro de um lago ou rio, sendo sugados por um redemoinho, muito difícil de escapar.

Escrevi, recentemente, um artigo para o jornal da minha cidade, que ilustra esta ciranda a qual me refiro:

### Ciranda cirandona

Está instituído, via calendário, pelo viés das datas comemorativas, uma ciranda que ativa o consumismo. As festas tornaram-se megaeventos; os presentes tornaram-se imprescindíveis. Quem participa de redes sociais já deve ter visto a seguinte frase: “O que eu vou ganhar de Natal?” E a resposta é: “Peso”. E a brincadeira revela uma realidade. A neurociência e a psicologia podem muito bem explicar o porquê de flutuarmos inertes nesta ciranda: um dos principais motivos de comportamentos consumistas é a influência da propaganda, que está em praticamente todos os lugares. Vale destacar as propagandas que nos fazem pensar que o supérfluo é imprescindível, que o descartável é mais prático e moderno e que a nossa felicidade depende daquilo que podemos ter. Desde as cores, os sons, as métricas das palavras, tudo é muito bem planejado e estudado para cativar clientes. E nos finais de ano, entra em jogo, nesta ciranda, a qualidade dos nossos hábitos alimentares. A comilança rola solta, porque é bom demais comer, e quanto maior for a variedade, melhor. Diante de uma mesa farta, esquecemos de todas as recomendações de médicos e nutricionistas para saciarmos os desejos despertados pelos nossos sentidos, e não resistimos às tentações doces e salgadas, maravilhosas, que nos são apresentadas. Pois é nesta ciranda que vivemos, que criamos, e que mantém a nossa economia pulsante, da qual nada mais somos do que reféns, porque,

sem ela, a economia do mundo entraria em colapso. É preciso perceber o caos ambiental que esta ciranda promove, que está aqui e ali, e com isto, poucos se preocupam. Eduardo Galeano, escritor uruguaio diz que atualmente: “Tudo se joga fora, tudo se descarta e, entretanto, produzimos mais e mais e mais lixo. Outro dia, li que se produziu mais lixo nos últimos 40 anos que em toda a história da humanidade”. Este dado revela que a nossa sociedade se mantém de forma insustentável. Seria possível ficar listando muitas outras situações de decadência ambiental promovidas pelo consumo exagerado, principalmente neste período, daquilo que nem sequer precisamos. E o que é essencial, acaba ficando esquecido, que é a afeição, que não vem embrulhada em nenhum presente, que mantém a saúde da alma. (ADAMS, 2014, p.10)

Essa ciranda, na qual estamos todos cirandando, de uma forma ou de outra, nos aprisiona. Aquilo que nos aprisiona nunca será saudável para o nosso corpo, para a nossa mente ou para o nosso espírito, então, adoecemos.

Nessa ciranda, os nossos sentidos perambulam embriagados e tontos na roda viva do consumismo, que promete o que não existe: alegria infinita e prazer permanente.

Volta e meia, quando chega aquela hora de reorganizar a casa ou o local de trabalho, dou-me conta de quantos objetos tenho e não utilizo. Eu os guardo, sempre, na esperança de encontrar uma utilidade para

eles, porém, a cada “faxina”, lá estão eles, como que ansiosos para cumprirem uma tarefa. Alguns são presentes (o ato de dar presentes, atualmente, perdeu o sentido de afeto porque carrega de forma implícita uma ideologia capitalista e consumista), outros são novidades do mercado, que prometem inovação, porém, na prática, não são tão inovadores assim, ou logo quebram, ou ainda, logo param de funcionar.

Na carona desta ciranda perversa, entra tudo, mistura-se tudo, os valores se invertem, ao mesmo tempo em que perdemos, pouco a pouco, a nossa essência. Optamos por não sentir, não perceber. Duarte Jr. (2000) explica com propriedade este mecanismo de defesa:

Não ver para não sentir: atitude extrema tomada como mecanismo de defesa face ao enfeamento de nossa situação vital. E assim, seguindo o folclórico comportamento do avestruz, vamos desaprendendo a ver um pouco mais. Ato que vale ainda para o lixo que se deposita nas ruas e espaços públicos da esmagadora maioria das cidades brasileiras, atirado ali tanto pelo inculto cidadão quanto pelo professor universitário [...] Esse lixo, entretanto, parece ter se tornado, aos olhos da maioria que aqui vive, algo absolutamente corriqueiro e, portanto, “natural”, num mau emprego do termo. (DUARTE JR., 2000, pp. 100-101)

Não é tarefa fácil libertar-se desta ciranda e resgatar a profundidade do nosso olhar, do nosso sentir,

porém, quando centralizamos as nossas ações conscientes do que sentimos e do que elas representam, as mudanças começam a se manifestar de forma espontânea, observadas, principalmente, no encantamento e no deslumbramento que certas pessoas demonstram em diferentes práticas de atividades sensibilizadoras.

Esta, pois, é uma das propostas desta publicação. Colocar em evidência o *sentir*, como uma das formas de se “libertar” desta ciranda instituída no nosso sistema social.

A partir do *sentir* (que envolve os sentidos: olfato, tato, visão, paladar, audição, ao que vivenciamos e experimentamos), será possível estimular uma percepção mais integrada, a de que tudo o que há, na vida, está interligado e relacionado, percepção esta que é fundamental para o conhecimento, para o entendimento, para o aprendizado, para a conscientização e para a compreensão da informação.

O que percebemos pelos sentidos, associado ao que percebemos pelo intelecto e pelas vivências, possibilita uma interpretação mais ampliada sobre um contexto.

A percepção ampliada de uma determinada realidade ou circunstância, pode ser considerada como um dos resultados daquilo que os nossos sentidos são estimulados a sentir, possibilitando novas formas de

interpretações e sensações, oportunizando novas condutas que favoreçam a vida, o meio ambiente.

Conforme Guimarães (2008):

As atividades que envolvem a sensibilização e conscientização sobre as diferentes realidades ambientais do entorno, enquanto trabalhadas como processos de interferência e modificação dos níveis de interpretação e compreensão ambiental, levam à evolução de um grau mais profundo da percepção ambiental. Ao provocarem um processo de estimulação da acuidade perceptiva, através da experiência direta ou indireta, podem proporcionar o desenvolvimento de condutas pró-ecológicas, de modo que as populações não somente sejam influenciadas, como também venham a influenciar positivamente nas mudanças cotidianas no âmbito da proteção ambiental. (GUIMARÃES, 2008, s/p)

As atividades de sensibilização, se devidamente dimensionadas e criteriosamente aplicadas, podem ser consideradas como alavancas que possibilitam mudanças de percepção ou correções de percepções distorcidas.

[...] A sensibilização provocada por tais atividades permite uma aproximação maior com as questões ambientais, estimulando sentidos de preservação e cuidados com o ambiente, uma vez que, no dia a dia, as pessoas cuidam melhor daquilo que gostam ou

aprendem a gostar. (OLIVEIRA; VARGAS, 2009, p. 316)

O redemoinho da insensibilidade e da indiferença nos suga, nos envolve, e aos poucos, vamos nos anestesiando dos sentidos das coisas, dos objetos, dos animais, do ambiente, das pessoas, da vida.

Para Duarte (2000):

Essa 'anestesia', que pode ser verificada no mais simples cotidiano de todos nós, precisa ser revertida através de uma educação da sensibilidade, dos sentidos que nos colocam em contato com o mundo. Com isso poder-se-á chegar à criação de uma razão mais ampla, na qual os dados sensíveis sejam levados em conta, o que nos possibilitaria conhecimentos e saberes mais abrangentes. (DUARTE JR., 2000, p.3)

A crise de sentidos atinge a todos nós, indiscriminadamente. Uns mais, outros menos, dependendo da forma como sentimos a vida. Por isto, é fundamental realizarmos atividades, em todas as instâncias (escolas, comunidades, instituições, família, grupos em geral), que proporcionem momentos de sensibilização, que nos permitam sair deste lugar comum chamado “acomodação”.

Sobre este tema, transcrevo a seguir, outro artigo de opinião publicado em jornal local.

## Liberdade para a sensibilidade

Fica cada vez mais claro o quanto estamos anestesiados para esta matriz consumista de viver. Temos consciência da necessidade de mudanças de atitudes e posturas em frente à vida, mas não estamos dispostos a abrir mão de regalias e confortos, que são os principais responsáveis pelo ponto quase sem volta no qual chegamos. Onde foi parar a nossa sensibilidade? Penso que ela está aprisionada pelo sentimento de acomodação, e para libertá-la é preciso sair de um lugar comum chamado “conforto”, uma zona perigosa, que nos aprisiona sem que tenhamos noção disto. Tudo o que nos toca, nos sensibiliza. Quando nos deparamos com um problema que está distante, sentimo-nos apenas como espectadores, e mesmo comovidos, em pouco tempo, o esquecemos. Porém, quando este mesmo problema bate à nossa porta, a reação é diferente, porque ficamos com os nossos sentidos à flor da pele, e é assim que muitas pessoas começam a promover mudanças. Não deveria ser assim... Eduardo Galeano, escritor uruguaio, diz que Deus se esqueceu de mencionar a natureza nos 10 mandamentos. Ele pensa que poderia ser acrescentado pelo menos mais um, por exemplo: “Honrarás a natureza, da qual tu és parte”. Eu penso que não haveria necessidade desta inclusão. Se todos os mandamentos fossem cumpridos, haveria mais amor e respeito para com todos os seres vivos. E como podemos nos tornar mais sensíveis? Primeiro, tendo a determinação de

fazer a diferença para arrumar um pouco esse mundinho bagunçado em que vivemos. Após uma reflexão do que é possível ser feito, aplicar estas mudanças dentro do nosso lar, e onde atuamos. Segundo, sendo persistente, pois como indivíduos podemos fazer pouco, diante da magnitude dos problemas e diante os causadores da maioria deles, que são as grandes corporações e o poder público. E terceiro, acreditando sempre na possibilidade de mudanças, mudando cada dia um pouco, para melhor, sem esperar pela mudança que chega quando os problemas tocam na nossa campanha. (ADAMS, 2014, p 12)

A sensibilização, sem dúvida, promove mudanças. No dia a dia temos inúmeras oportunidades de despertar nossos sentidos, se estivermos atentos e dispostos. Quando aplicamos e incentivamos a sensibilização na esfera educacional, a aprendizagem se potencializa.

Tenho algumas experiências pessoais que, apesar de singelas, podem ilustrar o quanto a sensibilização interfere em nossa percepção. Relato uma delas: Certa vez, procurando motivos para fotografar em meio à natureza, em um dia cuja neblina impedia a luminosidade do sol, percebi a imensa quantidade de teias de aranhas existentes, e as elegi como foco para aquela sessão de fotografias. Desde então, passei a observar cada vez mais estes fios tecidos com tanta destreza pelas aranhas, quando antes, passavam despercebidos.

A sensibilização, portanto, é excelente ferramenta para o aprimoramento de nossa percepção de vida. Stahnke (2013, s/p) destaca que:

Para o autor Genebaldo Freire Dias, a Educação Ambiental é um processo pelo qual as pessoas aprendem como funciona o ambiente, como dependem dele e como o afetam. Ela inicia com a Percepção Ambiental, na qual as pessoas recebem as informações e adquirem conhecimento sobre si e sobre a natureza, sua complexa teia da vida, seus meios de adaptação, evolução e interação. Esta etapa é fornecida com maior sucesso quando se utilizam técnicas pedagógicas mais representativas ao educando, que associa o novo conhecimento ao seu conhecimento prévio e às sensações que por ele já foram vivenciadas. (STAHNKE, 2013, s/p)

Ao desenvolvermos atividades sensibilizadoras pela EA, através de vivências, dinâmicas e experiências, nos envolvemos, de forma integral e integrada, com a essência das situações.

A EA deve, com certeza, conscientizar através da sensibilização, sempre buscando o benefício de toda a sociedade através do sentimento, da espiritualidade e da essência de cada ser humano. (SILVA, 2012, p. 158)

Sensibilizar-se é conectar-se com a essência da vida, de corpo, mente e alma. É integrar-se ao meio com significado, com a percepção clara de que somos parte

deste meio, e não algo desconectado, ou fora dele. Esta percepção nos indica os caminhos para escaparmos da ciranda consumista e imediatista, que nos mantém dela dependentes, quanto mais os nossos sentidos estiverem adormecidos.



## O que é sensibilidade?

*"Jamais perca a sensibilidade,  
mesmo que às vezes  
ela arranhe a alma".*  
(Clarice Lispector)

Quanto mais utilizarmos os sentidos corporais (audição, visão, tato, olfato e paladar) de forma integrada, mais clara será a nossa percepção daquilo que vivenciarmos e experimentarmos.

Estas sensações, interligadas, são diretamente relacionadas ao pensamento que as interpreta, fazendo as conexões com o contexto que nos envolve, no qual nos relacionamos com outros seres vivos e com o próprio meio. Assim, a percepção, advinda das atividades de sensibilização, trazem à consciência a complexidade da vida, neste navegar de sensações que deve priorizar o objetivo de manter o equilíbrio, através da moderação.

No Programa de Regionalização do Turismo - Roteiros do Brasil: Módulo Operacional 1: Sensibilização (BRASIL, 2007), temos uma definição deste conceito:

A sensibilidade, segundo as definições correntes de dicionários e enciclopédias, é a faculdade de sentir, de perceber modificações no meio em que se vive, e de reagir de forma adequada frente a elas. Está relacionada à capacidade de se impressionar com as coisas e torná-las fonte de conhecimento para a vida. Estar sensível, portanto, significa estar apto a sentir em profundidade as impressões, participar ativamente delas e tentar intervir sobre aquilo que está à sua volta – significa deixar envolver-se. (BRASIL, 2007, p.13)

Sentir, portanto, está diretamente relacionado ao envolvimento e ao agir, como uma reação à percepção da ocorrência de algum fato, fenômeno, circunstância. Esta ação, ou reação, na maioria das vezes, promove uma mudança no pensamento e, conseqüentemente, no comportamento, nas relações, nas atitudes.

Muito mais que a interpretação racional do ambiente, as práticas de educação ambiental que estimulam os sentidos possibilitam ao homem sentir o ambiente, estabelecendo outras formas de relação com ele. (OLIVEIRA; VARGAS, 2009, p. 315)

Embora as atividades de sensibilização sejam realizadas com grupos, a sensibilização ocorre de forma individual, uma vez que acontece dentro de cada pessoa, de forma única.

As mudanças, tão frequentes no mundo moderno, no processo de sensibilização

devem ocorrer dentro de cada um e em todos. É necessário não opor resistência ao novo, acreditando que essa atitude flexível será capaz de trazer benefícios em cada momento desse contínuo movimento de inovação. Neste processo de mudança, a sensibilização propicia aos membros dos grupos o entendimento de que a união de pensamento, sentimento e emoção, de forma estratégica, facilita o alcance dos objetivos estabelecidos. A proposta de mudança exige que todos estejam preparados para adotar uma nova postura. [...] (BRASIL, 2007, p.48).

Se formos observar as mudanças pessoais mais significativas pelas quais passamos, perceberemos que elas, normalmente, são impulsionadas por um determinado evento.

Lembro-me que, quando nasceu o meu terceiro filho, em 1991, estourava a Guerra do Golfo, o que desencadeou, em mim, uma angústia muito grande sobre o mundo no qual estava colocando meus filhos. No ano seguinte, em 1992 ocorreu a Eco 92 que acompanhei pela mídia. Sensibilizada pela guerra e pelo que acompanhei desta importante conferência internacional, iniciei na trilha da Educação Ambiental.



## O que é sensibilizar?

*“Não é a altura,  
nem o peso,  
nem os músculos  
que tornam uma pessoa grande,  
é a sua sensibilidade sem tamanho”.*  
(Martha Medeiros)

A sensibilização nos coloca em contato direto com sensações que, se não forem despertadas, permanecem adormecidas.

O ritmo de vida atual, que exige cada vez mais trabalho para atender necessidades básicas, abstrai um tempo precioso, o de refletirmos sobre o que sentimos.

Conforme Costa, (2011),

Para que possamos atingir um ser humano de forma plena e coerente precisamos fazer com que essa pessoa sinta algo, ou seja, passe por um processo de sensibilização. Hungerford (apud VESTENA, 2003, p. 34) descreve a sensibilização como “uma perspectiva de empatia com o meio ambiente”, concluindo que a sensibilização é a primeira fase do processo de conscientização [...] A

sensibilização é o início de um processo que possibilita ao ser humano uma mudança de pensamento e é por este motivo que esse procedimento é tão imprescindível à aprendizagem. (COSTA, 2011, p. 48)

As atividades de sensibilização trazem à tona, tanto em quem as aplica, quanto nos participantes, diferentes emoções, que normalmente não estão presentes nas atividades educacionais de uma forma geral, e estas têm uma importância potencializadora para uma aprendizagem com significado.

“[...] sensibilizar tem um sentido de processo e reciprocidade, ou seja, o sensibilizar acontece, não é estático e esse acontecer se faz tanto para o sensibilizador – quem propõe a sensibilização (tornar-se sensível), como para a pessoa a ser sensibilizada – quem participa da sensibilização (tornar sensível). A sensibilização pode, pois, ser entendida enquanto um processo educativo de tornar sensível, possibilitando uma vivência que pode construir conhecimentos não só pela racionalidade, mas também a partir de sensações, intuição e sentimentos. Além do processo de tornar sensível, é importante então, considerarmos o fato de que sensibilizar consiste em ‘tornar emocionalmente consciente’, pois [...] o ato de sensibilizar(-se) está intimamente vinculado ao aprender e apreender, a saber, a educação. (MOURA, 2004, p. 41)

As atividades de sensibilização são tão importantes para crianças, quanto para adultos, por motivos distintos e semelhantes.

Às crianças, entre outras razões, porque elas precisam, por necessidades físicas e biológicas, extravasar energia e emoções, quando têm que permanecer em silêncio e paradas, e os adultos, entre outros motivos, pela pesada carga de responsabilidades que carregam como bagagem de vida.

Em nossa tentativa de não vivenciarmos a dor das emoções desagradáveis, nos encarceramos atrás de um muro de insensibilidade, e acabamos também fechados para os sentimentos de amor, prazer e afeto. Só na ausência de defesas podemos sentir e expressar nossa afetividade. (JAHARA-PRADIPTO, 1986, p. 171)

Para que as atividades de sensibilização alcancem os seus objetivos, elas devem ser diversificadas, integrativas e sempre acompanhadas de um tema para focar a atenção, no momento em que está sendo realizada.

Dentro de um sistema educacional moldado para aulas entre quatro paredes, por vezes é mais difícil oferecer vivências e experiências integradas com a natureza, mesmo que:

As vivências integradas ao meio ambiente são importantes ferramentas metodológicas, onde a experiência sensorial e a reflexão crítica podem despertar tanto nos educadores quanto nos alunos, uma percepção ambiental diferenciada, modificando suas representações de meio ambiente e do próprio processo educativo ambiental, e que passem a encarar as vivências perceptivas como um instrumento de melhorar nossa relação com o ambiente, conosco e com os outros ao nosso redor. (OLIVEIRA; VARGAS, 2009, p. 320)

Neste aspecto, para contornar dificuldades de falta de espaço natural para a aplicação das atividades, existem diferentes técnicas e recursos que podem ser utilizados, que possibilitem conexões com recursos do ambiente externo, quando estas não são realizadas em contato direto com a natureza, como por exemplo: utilizar objetos de diferentes tipos, materiais naturais (galhos, folhas, flores secos), fantasias, instrumentos musicais, objetos artísticos, objetos indígenas, imagens, vídeos, entre outros.

Estes diferentes recursos incentivam a reflexão, a criatividade e a imaginação, que também promovem o despertar dos sentidos.

Assim, é possível realizar tais atividades sensibilizadoras também entre quatro paredes, apenas com diferentes metodologias das realizadas ao ar livre.

Os recursos utilizados também devem ser bastante variados, e, de preferência, utilizar materiais concretos, palpáveis, que estimulem os sentidos, oportunizando que o corpo todo participe deste processo.

Uma pesquisa realizada por Russ, Almeida e Savi (2009) apresenta quais são as metodologias mais utilizadas em atividades de sensibilização, realizadas por três instituições educacionais.

Uma delas utiliza o teatro como fonte principal de sensibilização, enquanto que outra utiliza música e confecção de instrumentos musicais com resíduos sólidos. A última, revela que desenvolve, sistematicamente, atividades de dança, teatro, artes plásticas, música e capoeira através de um programa que pretende inserir a conscientização ambiental por meio dessas cinco atividades.

Portanto, a pesquisa revela que as atividades de sensibilização, nestas instituições, utilizam-se de técnicas artísticas como principal metodologia de aplicação. Estas atividades artísticas já são, por si só, sensibilizadoras, uma vez que trabalham com as sensações corporais, criatividade, imaginação, e também devem ser incentivadas.



## **Alguns aspectos das atividades de sensibilização**

*"Há quem passe  
pelo bosque  
e apenas veja  
lenha para a fogueira".  
(Lev Tolstoi)*

Quando nos sensibilizamos com algo, sentimos diferentes emoções, traduzidas pelos sentimentos de felicidade, surpresa, espanto, tristeza, apreensão, entre outros. Sendo assim, a emoção sempre estará presente em atividades de sensibilização.

[...] Estas atividades têm a finalidade de tornar o processo educativo agradável e inovador, considerando o meio ambiente uma extensão do próprio corpo. (MATHEUS; MORAES; CAFFAGNI, 2005, p. 30)

É possível afirmar, então, que toda a atividade que envolva os indivíduos a partir do seu próprio corpo, promove um sentido de integração corporal e sensorial com o todo, com o meio, com a vida, com o universo.

Conforme Ota e Grassani (2008):

O ser humano não aprende somente pela razão (fatores externos), ele aprende junto/através da emoção (fatores internos). Assim sendo, o papel de uma atividade de sensibilização é despertar a emoção para um melhor aproveitamento da informação que está sendo transmitida, e poderá ser trabalhada em qualquer área e nos mais diferentes níveis. Ressalta-se, no entanto, que seu papel é exclusivamente educativo, jamais devendo ser dado a ela um significado terapêutico, ou seja, não devem ser discutidos os aspectos psicológicos que podem afetar os participantes no decorrer da atividade. (OTA e GRASSANI, 2008, p.34)

As autoras (op. cit.) trazem uma importante observação sobre a aplicação das técnicas de sensibilização e os objetivos destas atividades sensibilizadoras, destacando que não podem, em hipótese alguma, servir para delinear ou analisar comportamentos.

Tais atividades têm objetivos bem definidos, que devem estar claros quando forem aplicadas.

Para Ota e Grassani (2008), os objetivos das técnicas de sensibilização são:

- facilitar e possibilitar o processo educativo-participativo desenvolvido pela Educação Ambiental (uma vez que o conhecimento e a compreensão da realidade são mais facil-

mente alcançados pela vivência do que pela informação);

- valorizar atitudes e comportamentos que promovam o aprimoramento da interação das pessoas entre si e destas com a natureza;
- despertar a comoção para a importância do uso racional dos recursos naturais;
- sensibilizar as pessoas com relação às questões socioambientais de sua localidade;
- possibilitar a discussão de valores relacionados a uma ética ambiental de respeito à vida. (OTA e GRASSANI, 2008, p.34)

O primeiro objetivo, apresentado para as técnicas de sensibilização por Ota e Grassani (2008), pode ser alcançado através de vivências e experiências associadas à EA, que, tanto despertem os sentidos dos cidadãos para com eles mesmos, como os extrapolem, despertando os sentidos com relação ao outro, ao meio ambiente, e à vida em sua totalidade.

O segundo objetivo pode ser alcançado na realização de atividades que envolvam as pessoas com o ambiente, onde tudo o que as cerca torna-se alvo de atenção e interação.

Em relação ao terceiro objetivo, apesar de apresentar uma conotação utilitarista, quando se refere ao uso racional dos recursos naturais, pode-se desenvolver ativi-

dades de sensibilização que promovam uma reflexão sobre descaso, descuido e desperdício de elementos que promovem a vida, advindos de uma compreensão equivocada de que meio ambiente é um grande “armazém de mercadorias”.

Para o alcance do quarto objetivo, sugere-se o desenvolvimento de atividades de sensibilização que levantem problemas ambientais locais e de comunidades, a fim de elencar sugestões levantadas pelos próprios grupos para minimizá-los e/ou solucioná-los, levando, assim, em consideração, as necessidades específicas que se apresentam em diferentes contextos socioambientais.

Em se tratando do quinto objetivo apresentado, este pode ser alcançado através de atividades sensibilizadoras associadas à reflexão sobre os valores éticos e morais das condutas e hábitos cotidianos, para a promoção de mudanças de atitudes.

Cabe salientar que muitos outros objetivos podem ser alavancados, na medida em que as atividades forem sendo aplicadas e aprimoradas, mediante as avaliações de seus resultados.

Com base no que foi apresentado e em experiências com atividades de sensibilização realizadas, pode-se elencar, ainda, objetivos relacionados às percepções dos cinco sentidos propriamente ditos, bem como, elencar objetivos relacionados à ampliação da compreensão e intervenção com o meio ambiente, que cada grupo vivencia em sua realidade, ou seu contexto.

São objetivos das atividades de sensibilização relacionados às percepções dos cinco sentidos:

- Aguçar os sentidos através do ouvir, saborear, cheirar, tocar e enxergar, estimulando as sensações corporais;
- relacionar sensações a sentimentos e emoções;
- estimular a identificação de sons, imagens, cheiros, em diferentes ambientes;
- valorizar diferentes sons, cheiros, sabores, texturas, imagens como ferramentas pedagógicas para aprendizagens significativas; e, ainda,
- compreender as sensações que são despertadas pelos sentidos e contextualizá-las.

São objetivos das atividades de sensibilização relacionados à ampliação da compreensão e intervenção com o meio ambiente:

- Promover momentos educacionais lúdicos e descontraídos;
- trazer à tona temáticas ambientais, desde locais a globais;
- despertar o respeito por todas as formas de vida promovendo uma consciência ética e estética;
- buscar soluções para dificuldades relacionadas a mudanças de posturas;
- utilizar e divulgar informações sobre a realidade ambiental;
- sintetizar saberes de forma interdisciplinar;

- fazer com que cada indivíduo se perceba como responsável para se alcançar a sustentabilidade ambiental;
- levantar aspectos ecológicos, éticos, políticos, sociais, econômicos, científicos, tecnológicos e culturais, numa visão integrada do ambiente;
- incentivar a participação de toda sociedade para a manutenção das práticas sustentáveis e menos impactantes;
- estimular a participação cidadã promovendo uma relação mais saudável;
- valorizar culturas locais;
- promover a compreensão de que todos são agentes transformadores de suas realidades; bem como,
- provocar, estimular e desenvolver o senso crítico sobre realidades ambientais próximas e distantes.

Para Moura (2004), a sensibilização envolve o objetivo de construir conhecimentos, também, pelas sensações, e pelos diferentes olhares na busca dos significados.

“ [...] o que chamo de sensibilização, um processo educativo de tornar sensível possibilitando uma vivência que pode construir conhecimentos não só pela racionalidade, mas também a partir de sensações, intuição e sentimentos. (MOURA, 2004, p. III)

Quando esta percepção individual se manifestar de forma integrada, conseqüentemente a mudança começa a acontecer. Matarezi (2006) convida educadores a, juntos:

Romperem com a anestesia geral na qual estamos cotidianamente imersos. As visões podem começar, mas há que se despertar os sentidos e mergulhar na complexidade das inter-retro-ações que se estabelecem consigo, com os outros e com o lugar em que se vive. (MATAREZI, 2006, p. 190)

É importante frisar que um processo de sensibilização se torna um solo fértil para o surgimento de resistências, tendo em vista que a intenção das atividades de sensibilização é desacomodar para provocar mudanças, e as reações podem ser as mais variadas possíveis.

Por isto, é fundamental estabelecer regras básicas para a realização destas atividades, bem como, ter clareza dos objetivos e do que estas atividades possibilitam.

[...] a sensibilização possibilita um vivenciar de percepções e sentidos que podem progressivamente ser integrados ao nosso ser, a este ser humano que historicamente foi se afastando de si mesmo, de suas fontes de sabedoria mais íntimas e mais primordiais, os sentidos e sentimentos. Essa vivência, sendo experienciada em diversos momentos, torna-se um processo que individualmente faz com que a sensibilidade (re)torne-se componente integrante de cada um. (MOURA, 2004, p. 51)

Ao aplicar técnicas de sensibilização, é importante ter preparado um ambiente propício para a sua realização, bem como ter os materiais necessários,

todos preparados previamente, estando à disposição, uma vez que estas técnicas se utilizam de diferentes espaços e recursos pedagógicos variados em áreas ao ar livre, parques, praças; e materiais como: quadros para escrever, equipamentos de multimídia, fichas, instrumentos musicais, objetos naturais e artificiais, etc.

Stahnke (2013) destaca ser importante utilizar:

[...] Metodologias que permitam ao aluno vivenciar uma teoria – como excursões, dramatizações, simulações e experiências diretas – são mais facilmente armazenadas no cérebro e, conseqüentemente, mais fáceis de se relacionar a outras aprendizagens que o indivíduo venha a fazer no decorrer de sua vida, porque lhe faz reconhecer o ambiente através de seus sentidos. O aprendiz que sente o gos-to da pitanga, o cheiro da grama, que ouve o coaxar de sapos, vê um bicho-pau em meio a gravetos, e toca no pelo de um cachorro, nunca mais esquece as sensações vivenciadas neste momento. (STAHNKE, 2013, s/p)

Quando as técnicas de sensibilização estão sendo aplicadas, estas deverão estar focadas nos membros do grupo, deixando-os à vontade para aproveitarem, ao máximo, dos períodos quando estão sendo trabalhados os diferentes sentidos, em diferentes momentos e espaços.

É válido observar a interação que a atividade está promovendo no grupo, incentivando, quando possível, a manifestação através de alguma observação que possa

ser feita por algum participante, favorecendo o compartilhamento de sensações individuais ao grande grupo. Não é necessário que todo o grupo se manifeste em todas as atividades, mas na medida em que as atividades forem se desenvolvendo, convidar outros membros a relatarem suas impressões e compartilharem experiências, até que um maior número de participantes tenha se manifestado.

Aqui, cabe salientar que não se deve exigir a participação de alguém que não estiver se sentindo à vontade, tendo em vista que muitas pessoas apresentam dificuldades em se expor, e isto deve ser respeitado e, portanto, aceito com naturalidade.

A partir de atividades que promovam a interação sensitiva com o grupo e com o meio ambiente, seja ele natural ou construído, os sentidos vão se ampliando e os temas abordados nas atividades sensibilizadoras saem do âmbito pessoal, para alcançar o âmbito social e ambiental, promovendo uma transformação da visão fragmentada, e a percepção ampla da nossa dependência do meio, uma vez que, com uma visão fragmentada vivemos de forma equivocada como se o meio ambiente dependesse de nós e não nós dele.

Para Oliveira e Vargas (2009):

Essa visão fragmentada da relação humana com a natureza passa então a ser reproduzida em nossa sociedade, onde o sistema educacional, influenciado pelas concepções mecanicistas, disciplinares, individualistas e tec-

nicistas, contribui pela hegemonia desta visão. Assim, tem-se um ser humano “desligado” de seu ambiente natural e, o que é pior, desvinculado dos outros indivíduos e de si mesmo. Constituímos uma sociedade que não se conhece, não conhece o outro e nem o mundo em que vive. (OLIVEIRA; VARGAS, 2009, p. 313)

Chega-se ao ponto desta trilha em que, com os sentidos despertos, as atividades podem ser focadas para o despertar de cada um, para o estabelecimento de conexões das questões socioambientais (locais, regionais, globais), incentivando a reflexão para compreensão do que foi sentido, associando com os elementos que nos promovem a vida, como a água, o ar, a terra e tudo o que há nisso.

É possível que o fluxo das atividades nos indique o caminho para chegar às abordagens destes elementos, nas diferentes atividades sensibilizadoras. É importante abordar as temáticas a partir do que é possível fazer, tanto no plano individual, quanto coletivamente, para a melhoria das condições ambientais locais.

As atividades de sensibilização se revelam preciosos instrumentos pedagógicos que podem ser aplicados e replicados, com uma infinidade de adaptações, a diferentes grupos e temas, favorecendo a realização de atividades interdisciplinares, conforme percebe Moura (2004):

Percebo na sensibilização uma riqueza que se deve tanto à possibilidade de se reconhecer e conhecer o outro, como também à diversidade de temas que pode abordar e ainda na possibilidade de uma mesma sensibilização ser enfocada de diferentes maneiras, visando diferentes aspectos da EA, ou seja, diferentes áreas do conhecimento e diferentes abordagens de relacionamentos e valores [...] Através desta diversidade de temas e também pelas próprias características da sensibilização, elas podem apresentar um caráter interdisciplinar. (MOURA, 2004, p. 45)

Após a realização de cada atividade de sensibilização, chega o momento de reflexão da ação, para que seja possível avaliar os resultados destas práticas e saber se, através delas, foi possível promover uma Educação Ambiental que extrapole a aquisição de conhecimentos e sensibilize.

No momento de fechamento ou conclusão das atividades, é possível e desejável promover relatos pessoais, discussões, debates que estimulem a relação do que foi sentido e percebido.

O momento de avaliação dos resultados alcançados pelas declarações, relatos e manifestações dos participantes é fundamental e este pode fazer uso de diferentes instrumentos de avaliação: questionário aberto, questionário fechado, mesa redonda, observação, avaliação oral ou escrita de como cada participante percebeu a atividade.

Conforme Matarezi (2006):

Experiências, erros e acertos anteriores ajudam a nos situar e nos fazem caminhar com maior tranquilidade e serenidade, com maior firmeza e segurança. O que podemos e devemos fazer é caminhar com sentido. Caminhos conhecidos levam a lugares conhecidos. Caminhos desconhecidos podem nos levar a lugares imaginados, sonhados e desejados. Mas há que se caminhar com todos os sentidos. (MATAREZI, 2006, p. 197)

A avaliação, portanto, é fundamental para a verificação do alcance dos objetivos das atividades, pois é a partir do que foi percebido nas práticas que estas podem ser aprimoradas, lembrando que as pesquisas referentes a estas atividades, tão essenciais, ainda são raras e devem ser expandidas, dada a importância da sensibilização para mudanças efetivas das condutas humanas.

## Sensibilização e crianças, pequenas (e grandes)

*“A que mundo  
Pertença?  
No mundo há pedras, baobás, panteras,  
Águas cantarolantes, o vento ventando  
E no alto as nuvens improvisando sem cessar.  
Mas nada disso tudo, diz: ‘existo’.  
Porque apenas existem...”*  
(Mario Quintana)

Atualmente, temos poucas oportunidades para darmos a devida atenção às paisagens e aos detalhes magníficos que a vida nos proporciona, tanto nós, adultos, quanto as crianças.

As atividades de sensibilização oportunizam momentos de encantamento, surpresa, espanto, admiração, observação, promovendo diferentes emoções, colaborando, assim, para o refinamento dos sentidos.

Quando desenvolvidas em ambientes naturais, estas atividades promovem um sentimento de integração que amplia a percepção de pertencimento a este ambiente, inserindo-nos às paisagens que antes eram apenas por nós observadas, e não vivenciadas.

Conforme aponta Guimarães (2012):

Ao compreendermos a paisagem como um ambiente e uma ambiência que favoreçam o ensino-aprendizagem, propiciando experiências que se transmutem em vivências, isto é, experiências significativas de vida, somos levados a refletir sobre os processos cognitivos e afetivos gerados por estas experiências e vivências, na medida em que elas são impregnadas de significados individuais e coletivos. (GUIMARÃES. 2012, p. 27)

As crianças, em especial, são as mais prejudicadas com a falta de oportunidades que explorem os seus sentidos, e com a falta de vivências em espaços naturais, uma vez que os contatos diretos com a natureza e a riqueza de atividades que trabalhem com todos os seus sentidos são fundamentais para o seu desenvolvimento integral.

Segundo Cornell (1996), quando se aprende com a natureza, se aprende com o coração, ou seja, outras dimensões do aprendizado há muito esquecidas pelo ensino convencional são despertadas: corpo, coração e mente se integram e aprendemos que são partes do mesmo sistema. Realmente não há discurso de professor, livro ou vídeo capaz de transmitir aos jovens aquilo que podem observar e vivenciar [...] (MATHEUS; MORAES; CAFFAGNI, 2005, p. 106)

Sabemos que desde a infância já podemos determinar objetivos futuros, e é nesta fase que moldamos a

nossa personalidade e fazemos escolhas significativas, dependendo do que nos é proporcionado, tanto no ambiente escolar, quanto no ambiente familiar, uma vez que ambos são os espaços educadores básicos do universo infantil.

É possível constatar este fato se dermos uma navegada em nossas lembranças infantis e prestarmos atenção no que mais nos marcou neste período, como é o caso do relato de Matheus (2014):

[...] Minha mãe sabendo de minhas inclinações pelos bichos, sempre pedia a seus alunos para trazer-me alguns organismos inofensivos como besouros e gafanhotos, girinos e os mais esperados, os lambaris e outros peixinhos apanhados nos pequenos córregos da fazenda. Acho que foi lá a minha iniciação como naturalista e futuro biólogo. Foi lá que minha mãe me deu essa chance. Lá fui impregnado com o “cheiro de campo”. (MATHEUS, 2014, p. 23)

Neste depoimento é possível perceber e confirmar o quanto pequenas e simples atitudes podem sensibilizar as crianças, deixando nelas marcas profundas que influenciam em suas importantes decisões na vida adulta.

Tais vivências devem adentrar nos lares e pelas salas de aula para serem esmiuçadas, pois se revelam como verdadeiros tesouros para aprendizagens que tenham significado, uma vez que a educação atual deve

buscar uma ciência que privilegie uma aprendizagem significativa (AUSUBEL, 1982), ideia de aprendizagem muito alinhada aos princípios e aos objetivos da EA.

Porém, não é novidade que o nosso atual sistema de ensino privilegia a aprendizagem cognitiva, pela difusão de conhecimentos, principalmente porque, da forma como está estruturado, as aulas, na maioria do tempo escolar, ocorrem dentro de salas, normalmente pequenas, abarrotadas de alunos, anulando a individualidade, embotando a sensibilidade e restringindo os espaços educadores às salas de aula.

Assim, um dos desafios mais importantes a ser levado em conta nas práticas de educação ambiental infantil diz respeito à necessidade de fazer com que as crianças consigam realmente “tocar” os elementos da natureza, realizando os chamados “experimentos de primeira mão” (KOBAYASHI, 1991, p. 624). Estes podem ser definidos como instâncias que propiciam vivências significativas a partir dos sentidos básicos da percepção humana. Ressalto que esta é uma necessidade que envolve também os adultos. (MATAREZI, 2006, p. 191)

De uma forma geral e em se tratando de EA na infância, o que mais conta para uma aprendizagem significativa são, justamente, experiências e vivências, bem mais do que campanhas de arrecadação de resíduos, trabalhos com reciclagem, palestras, eventos pontuais com datas comemorativas. Apesar destas atividades

terem o seu valor pedagógico, por si só não promovem sensibilização, não integram as crianças ao meio, não promovem compreensão de como a vida funciona e de como estamos inseridos nela, não promovem vivências, experiências no ambiente original que lhe proporciona, inclusive, saúde e bem estar, como bem salienta Matheus (2014):

O caminhar pela mata favorece o desenvolvimento dos sentidos e permite que as pessoas tenham um ganho extra em termos de saúde, pois esta atividade é comprovadamente terapêutica [...] Acrescentando, também que a exposição às inúmeras substâncias de origem biológica exaladas pelas plantas em grande concentração nos bosques, aumenta o número de células de defesa do organismo, fortalecendo, assim, o sistema imunológico do ser humano. (MATHEUS, 2014, pp. 39-40.)

Cabe salientar que muitos espaços urbanos também permitem o desenvolvimento de excelentes trabalhos ao ar livre, em parques, praças, pátios, jardins, museus, etc.

As escolas infantis e de educação básica podem promover passeios. Estes devem ser planejados a partir de projetos. Assim, a burocracia, exigida para que passeios em grupo sejam seguros e tenham suporte necessário para atender demandas (com uma equipe auxiliar para atender o grupo, carros de apoio, alimentos, entre outras), é facilitada, tornando a atividade viável.

Saídas de campo, piqueniques, que são raros hoje em dia, devem ser retomados.

[...] A criança, ao experimentar a sensação de estar na mata, por exemplo, percebe, por meio de seus sentidos, não somente as diferenças de umidade luminosidade, temperatura, tonalidades de cor, os ruídos dos insetos, os cantos dos pássaros, mas, principalmente, se contagia com a harmonia da natureza selvagem. (MATHEUS; MORAES; CAFFAGNI, 2005, p. 106)

O deslocamento da criança, no mundo, também deve ser experimentado, e quanto mais intensa for esta vivência, mais integrada será a experiência a aprendizagens significativas, como retrata Matheus (op. cit) nesta sua viagem de infância:

[...] Essas viagens eram mágicas e, portanto inesquecíveis. O som grave da máquina (locomotiva elétrica) que avisava a aproximação de cada curva, o apito do trem, o tatá, tatá, tatá compassado dos vagões deslizando nos trilhos são paisagens sonoras impossíveis de esquecer. (MATHEUS, 2014, p. 27)



*Imagem ilustrativa gratuita da Internet.*

É nosso dever, como educadores, como adultos responsáveis, oportunizar estas experiências às crianças que vivem hoje, na maioria, tão distanciadas da essência da vida, quando pensam que o leite vem de uma caixinha, que frutas são feitas como pães e bolos, entre outras distorções que a criança vai aprendendo na sua vida.



## **Atividades de sensibilização na prática: relato de uma jornada**

Em uma jornada pedagógica realizada a convite do professor Carlos Eduardo Matheus, coordenador da área de Educação Ambiental do Centro de Recursos Hídricos e Ecologia Aplicada (CRHEA), da Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo com um grupo de alunos de pós-graduação em Educação Ambiental (USP/São Carlos), foram desenvolvidas diversas atividades sensibilizadoras e dinâmicas para que estas servissem de instrumentos pedagógicos e para sensibilização propriamente dita.

Foi uma das mais surpreendentes atividades que já realizei, pela forma como fui tocada e como as atividades tocaram este grupo de alunos, tão especiais e empenhados, em um dos meses de janeiro mais quentes dos últimos tempos.

A jornada teve a carga horária de 16 horas e foi realizada em dois dias, no Centro de Recursos Hídricos e

Ecologia Aplicada, Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo.

Inicialmente, foram realizadas atividades de apresentações pessoais, atividades práticas de sensibilização (individuais e em grupos) e a finalização ocorreu com a apresentação de conteúdo teórico em uma apresentação com recursos de multimídia.

Após a apresentação, foi realizada uma dinâmica de apresentação dos participantes, e depois os alunos registraram suas expectativas em relação ao que seria trabalhado. Estes registros são um importante instrumento para a avaliação final da jornada.

As atividades desenvolvidas são apresentadas a seguir:

### ***- Atividade de apresentação pessoal***

Para as apresentações pessoais dos participantes, foi feito um sorteio com fichas de letras do alfabeto, e quem tivesse o nome, cuja inicial correspondesse com a letra sorteada, levantava-se, dizia o seu nome, o que faz, de onde é e qual a sua relação com a EA.

Cada letra era representada com um animal, ou elemento da natureza, como por exemplo, a letra “A” tinha como símbolo o desenho de uma abelha, a letra “B” tinha como símbolo uma borboleta, e assim por diante.

Impressões destacadas: A associação da letra com um elemento promoveu momentos de descontração e facilitou para gravar os nomes, que são facilmente esquecidos e eram, então, substituídos pelo elemento correspondente, de forma lúdica. Outras relações foram feitas, como por exemplo, uma das alunas cujo nome começava com a letra “B”, ao se apresentar, mostrou que em sua roupa tinha a estampa com borboletas.

### **- Registros das expectativas**

As atividades de início e de final de dia, normalmente, contaram com menos alunos, devido a atrasos e a saídas antecipadas para deslocamento. Por isto, os registros das expectativas, feitas no início do período, bem como a avaliação final, no término da jornada, não contemplam os 26 participantes. Além disto, não foi exigida obrigatoriedade para a elaboração dos mesmos.

Estes registros das expectativas feitos pela maioria do grupo são importantes ferramentas para uma análise quanto aos resultados da jornada.

As expectativas são, a seguir, apresentadas em itens numerados, sem identificação:

*1 – Novas abordagens e experiências. Vivências somáticas de forma tranquila e amistosa. Conhecer novos conteúdos que sejam próprios do que buscamos quanto profissional e pessoa.*

2 – *Novas experiências e práticas palpáveis.*

3 – *Tenho uma grande expectativa com a troca de experiências, vivências e poder aprender muito com a experiência da Bere na área da EA. O foco no público dos pequenos é outro interesse, pois trabalho com outros públicos, sendo, portanto, uma oportunidade de ampliar a minha visão em relação à EA infantil.*

4 – *Aprender várias dinâmicas relacionadas à sensibilização e percepção ambiental. Conhecer novas visões sobre a EA e sobre como fazê-la.*

5 – *Quando ouço que a aula será sobre dinâmicas em EA a imagem que me vem é a de que será uma aula bastante prática. Porém, gostaria que cada dinâmica/prática fosse apresentada com bastante referências sobre o porquê trabalha-las, com qual tipo de público e o que cada uma delas aflora no outro, quais valores trazem, etc.*

6 – *Minha expectativa é aprender, sorrir, compartilhar, brincar, sentir.*

7 – *Sou professora de Ciências no Ensino Fundamental II e nesse ano iniciarei um projeto de EA com jovens infratores. Além disso, estou desenvolvendo a monografia de pós-graduação com jogos e brincadeiras de sensibilização ambiental utilizando o material de reuso. Nesse curso, pretendo saber como desenvolver práticas de EA.*

8 – *Minhas expectativas para este dia são de que seja um dia de muito aprendizado, e que eu possa adquiri-lo e passá-lo adiante. Que não fique apenas no “papel”. Que eu possa sair daqui carregada de experiências boas e as coloque em prática.*

9 – *Buscar alternativas para a divulgação e apresentação de conteúdos socioambientais de modo irreverente, diferente, etc, colocando em prática a criatividade do brasileiro, fugindo do ensino tradicional, confirmando a importância da EA não formal e formal. EA = oportunidades. Tudo está interligado. Somos o que fazemos.*

10 – *Possibilitar olhares acerca de atividades práticas que atribuam significado na importância de se preservar a natureza.*

11 – *Dinâmicas relacionadas à EA, interações em grupos, ou não, voltadas à conscientização da importância da preservação.*

12 – *Espero adquirir conhecimentos valiosos a respeito da EA através de diferentes experiências e pontos de vista.*

13 – *Imagino que teremos a oportunidade de trocar experiências e fortalecer laços de amizade. Poderemos ainda, através das dinâmicas aplicadas, levar às nossas comunidades o que aprendemos para poder contribuir de forma efetiva na EA no Brasil.*

14 – *A expectativa em relação ao curso é aprofundar os conhecimentos na área e crescer pessoalmente e profissionalmente, utilizar os valores e saberes aqui construídos ao longo de toda vida, além de multiplicá-los para as pessoas que conheço e para o público com o qual trabalho. O objetivo é caminhar sempre em busca da transformação para um ser mais integral.*

15 – *Eu tenho um treino para evitar expectativa... Manter minha cabeça mais aberta. Acredito que na aula de hoje posso esperar de tudo, do lúdico ao acadêmico. Penso que a prática e o diálogo estarão muito presentes, nada de ficar sentado só escutando. Em EA é bom não esperar muita coisa, mesmo esperando de tudo, sempre me surpreendo com ela.*

16 – *Minhas expectativas para esta aula são de desenvolver melhor minha didática e aprender a trabalhar de forma mais prática e lúdica com meus alunos. Até agora, a aula tem superado as minhas expectativas iniciais. Obrigada!*

As expectativas registradas revelaram uma grande vontade dos alunos em conhecer, experimentar e vivenciar atividades práticas e dinâmicas para serem aplicadas em EA.

Foi possível perceber, também, grande interesse na troca de experiências e na realização de atividades

que os envolvessem de forma afetiva, lúdica e integradora, fortalecendo os laços do grupo.

Além disto, tais expectativas revelaram um grupo bastante coeso em termos de objetivos, que buscam práticas, dinâmicas e vivências para serem aplicadas em EA, embora vivam e trabalhem em realidades bem diferentes, uma vez que são alunos advindos de diversos estados brasileiros.

Após a apresentação dos participantes e da monitora, foram apresentados os detalhes de como seria realizada a jornada, lembrando que poderia sofrer modificações no decorrer das atividades:

### ***- Apresentação da jornada***

Através de uma conversa informal, foram apresentados ao grupo os detalhes de como seria desenvolvida a jornada, salientando que seria dada maior ênfase para as atividades dinâmicas e práticas de sensibilização, e que a parte teórica, incluída na apostila que cada aluno recebeu, poderia ser vista individualmente, para as devidas associações com as práticas efetivadas. A conversa de apresentação, portanto, abordou os seguintes tópicos:

→ O que será realizado nesta jornada?

O tema principal desta jornada é sensibilização, que será abordada a partir de atividades práticas, sensibilizadoras, e atividades teóricas.

→ Qual é o principal objetivo?

O principal objetivo deste encontro é que cada um possa ampliar as suas percepções quanto ao que sentem e vivenciam, para potencializar os cinco sentidos (visão, audição, tato, olfato e paladar), que são as principais ferramentas do nosso sistema nervoso. A partir desta ampliação será possível, também, ampliar o foco sobre as questões ambientais que nos rodeiam, favorecendo o dinamismo e a proatividade para a busca da sustentabilidade ambiental.

→ Como serão desenvolvidas as atividades?

As atividades envolverão diversas técnicas e dinâmicas de grupos para aflorar os cinco sentidos. Estas atividades também servirão como recursos pedagógicos que poderão ser replicados pelos educandos quando estes atuarem com grupos.

A partir da apresentação da jornada, tiveram início as atividades dinâmicas e de práticas de sensibilização, planejadas para as aulas. A sequência não está exata, pois como estava muito quente, aproveitávamos os espaços ao ar livre quando a temperatura estava mais agradável (ou suportável).

### ***- Preparação corporal e mental (ativando todos os sentidos)***

Para a realização desta atividade, fomos para o ambiente externo, cuja natureza é privilegiada com um

ambiente natural bastante diversificado. Os participantes, então, seguiram pausada e calmamente as orientações, descritas a seguir:

- Todos de pé formando um grande círculo.
- Concentrar-se no próprio corpo, mantendo-se equilibrado e relaxado, respirando profundamente.
- Movimentar-se lentamente, sem sair do lugar, de preferência com os olhos fechados.
- Buscar a lembrança de um momento feliz da infância relacionado a aromas (cheiro de campo, de mato, de flor, fruta, bolo, talco, sabonete...).
- Lembrar, também, de alguma comida que gostava quando criança, algo que dê água na boca.
- Escutar o barulho do chocalho e movimentar-se no ritmo.
- Abrir os olhos. Espreguiçar-se longamente (lembrar que os animais se espreguiçam várias vezes ao dia, sempre após uma soneca ou um descanso).
- Olhar por volta de todo o espaço, buscando o máximo de detalhes que consegue ver – escada, janela, trinco, tomada, mesa, cadeira, parafusos, cores, quadros...

– Movimentar todas as articulações, lentamente (como que acordando todas as partes do corpo, desde a cabeça até o dedão do pé).

– Agora temos praticamente todos os nossos sentidos ativados, acordados, mas falta um... Tato.

– Então, vamos cumprimentar os colegas com abraços e apertos de mão.

– Relaxar e ficar à vontade.

Impressões destacadas da prática: Foi possível perceber que a atividade alcançou seu objetivo, uma vez que os alunos demonstraram relaxamento e integração com o ambiente. Além disto, o momento também foi bem aproveitado para todos se cumprimentarem com muita afetividade.

### ***- Despertando a visão***

No mesmo espaço, ao ar livre, em meio ao ambiente natural, as atividades prosseguiram e os participantes foram convidados a ficar de olhos fechados para escutar o texto “Ver Vendo” (trecho extraído do artigo original: Vista Cansada), de Otto Lara Resende (1992):

Ver Vendo

[...] De tanto ver, a gente banaliza o olhar...  
Vê não-vendo...

Experimente ver pela primeira vez o que você vê todo dia,  
sem ver...  
Parece fácil, mas não é...  
O que nos cerca, o que nos é familiar, já não desperta  
curiosidade...  
O campo visual da nossa rotina é como um vazio...  
Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta...  
Se alguém lhe perguntar o que você vê no seu caminho,  
você não sabe...  
De tanto ver, você não vê...  
[...]  
O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem...  
Mas há sempre o que ver...  
Gente, coisas, bichos...  
E vemos?  
Não, não vemos...  
Uma criança vê o que um adulto não vê...  
Tem olhos atentos e limpos para o espetáculo do mundo...  
O poeta é capaz de ver pela primeira vez o que, de tão  
visto, ninguém vê...  
Há pai que nunca viu o próprio filho...  
Marido que nunca viu a própria mulher (e desconhece os  
seus segredos e desejos), isso existe às pampas...  
Nossos olhos se gastam no dia-a-dia, opacos...  
É por aí que se instala no coração o monstro da  
indiferença...

Impressões destacadas da prática: Após a leitura, foram feitos comentários sobre o poema, destacando que, a partir dele, podemos perceber a amplitude do sentido da visão e que ver não é somente enxergar, mas, concomitantemente, sentir algo, que dá significado e vida ao que se está vendo. Os participantes também manifestaram suas impressões.

### **- As cores do mundo**

Ainda ao ar livre, iniciamos uma conversa sobre a importância das cores, e os alunos foram convidados a olhar a sua volta com o objetivo de perceber o maior número possível de cores. Em seguida, seguir as orientações da monitora:

- Formar cinco grupos.
- Cada grupo receberá uma cor.
- Cada grupo debaterá, entre si, sobre o que se pode ver com aquela cor, listando o máximo de itens possível. Desta listagem feita, o grupo irá escolher cinco itens para criar uma apresentação. O desafio é que os itens escolhidos sejam visivelmente destacados.
- Apresentação dos grupos.
- Comentar sobre a importância de se trabalhar as cores, em diferentes atividades, em todos os contextos da vida, pois elas emanam vida e luz. Sem luz, não há cor.

Impressões destacadas da prática: Nesta atividade não foi sugerida a criação de uma apresentação devido ao tempo que estava próximo do intervalo, então, cada grupo apenas apresentou o que conseguiu ver com a cor e destacaram quais foram as dificuldades (encontrar o tom certo, a cor é difícil de se encontrar no ambiente natural então foram para o interior do prédio a procura, etc.)

Após o intervalo, os alunos assistiram a uma apresentação teórica, onde foram apresentadas referências de Matarezi (2006) e Moura (2004), já apontadas na primeira parte desta publicação.

Retomando as atividades práticas, foram desenvolvidas e/ou apresentadas as atividades sensibilizadoras, a seguir, que foram extraídas do Plano de Manejo Parque Nacional da Serra do Itajaí (2012).

Cabe ressaltar que algumas das atividades descritas, a seguir, foram realizadas com o grupo, outras não, por falta de tempo e/ou materiais, mas, com o objetivo de compartilhá-las, mesmo sem tê-las realizado, foram disponibilizadas em uma apostila.

#### ***- Mapa do som***

Em um espaço aberto, os participantes de posse de um papel e lápis, deverão encontrar um ponto distante um do outro, onde possam se acomodar e escutar os sons emitidos no local. Devem, então, colocar um X no meio do papel, marcando a sua própria posição, e indicar com símbolos ou diferentes tipos de desenhos os sons que ouvirem, demarcando o local de onde acham que o som venha com relação à sua própria posição. (PLANO DE MANEJO PARQUE NACIONAL DA SERRA DO ITAJAÍ, 2012, p.33).

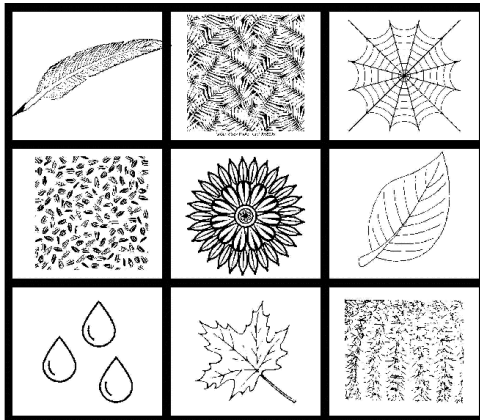
Impressões destacadas da prática: Esta atividade individual promoveu muita concentração e reflexão. Foi

uma das poucas realizadas individualmente e foi possível perceber, em todos os alunos, uma entrega ao sentido do escutar. Os relatos de apresentação dos mapas de sons e das sensações foram emocionantes e diversificados.

**- Padrões da natureza**

Entregar, aos participantes, cartões-padrão contendo uma variedade de formas diferentes, sendo uma forma para cada cartão. Os participantes podem trabalhar individualmente ou em pares para encontrar objetos que combinem com os padrões. (PLANO DE MANEJO PARQUE NACIONAL DA SERRA DO ITAJAÍ, 2012, p. 33).

Exemplo de fichas com padrões da natureza:



*Imagem elaborada pela autora, com imagens gratuitas da Internet, apenas para exemplo.*

**- *Catando coisas***

Entregar aos participantes uma lista de objetos naturais a serem encontrados em um ambiente aberto. São coisas como algo azul, ou algo espinhoso, afiado. Pedir, também, para que eles relatem a experiência, dizendo o que era e onde encontraram, desencorajando a colheita. (PLANO DE MANEJO PARQUE NACIONAL DA SERRA DO ITAJAÍ, 2012, p.33).

**- *Caçada ecológica***

Fornecer aos participantes (ou ditar) uma lista de objetos naturais a serem encontrados em um determinado ambiente. Pedindo para que eles relatem a experiência, dizendo o que era e onde encontraram, desencorajando a colheita.

OBS: Ao localizar os itens da lista não arranque nem retire do lugar o material citado.

Assinale os elementos observados:

- Uma pena
- Uma planta que demonstra ter sido visitada por um inseto
- Uma formiga transportando algo
- Uma árvore contendo um ninho
- Uma planta com espinhos
- Um animal disfarçado (camuflado)
- Um inseto polinizando uma flor
- Um tronco se decompondo

- ( ) Uma semente espalhada pelo vento
- ( ) Uma planta que libere um cheiro agradável
- ( ) Algo que faça barulho
- ( ) Uma flor com três pétalas
- ( ) Algo que você nunca viu antes
- ( ) Algo que seja importante para a natureza
- ( ) Algo que seja macio
- ( ) Um som feito pela natureza
- ( ) Algo que os humanos não poderiam viver sem

(PLANO DE MANEJO PARQUE NACIONAL DA SERRA DO ITAJAÍ, 2012, p.34).

Foram apresentadas, também, na apostila, atividades de Adams (2011), e outra que é tradicional, em algumas práticas educacionais, porém, por ser antiga (desconheço a autoria), acaba esquecida, e pela sua simplicidade e ludicidade, é apresentada a seguir:

### ***- O que está diferente?***

- Solicitar dois voluntários.
- Os dois devem observar o ambiente, com muita atenção, por um minuto.
- Em seguida, são convidados a se retirarem do recinto.
- Os que ficaram, propõem mudanças no ambiente (trocam de lugar objetos e pessoas)

– Após as alterações, os voluntários, um a um, retornam e têm um minuto para destacarem as mudanças que perceberam no ambiente.

– Com o que cada um observou vamos ver que cada pessoa tem sua própria percepção.

– No final, comentar quais os sentidos que mais foram utilizados na atividade.

### ***- Para navegar rumo à mudança***

Atividade realizada dentro da sala de aula.

– Dividir a turma em duplas.

– Cada dupla recebe uma folha.

– O desafio é fazer a dobradura de um barquinho de papel, em duplas, com os braços enganchados.

– Após a atividade, relatar o que perceberam com a atividade, salientando a importância da colaboração.

Impressões destacadas da prática: Muitas vezes, os alunos pareciam retornar para a sua infância, e esta atividade promoveu risadas, descontração e companheirismo. Alguns não sabiam fazer a dobradura então, foi mostrado o passo a passo. Outro aluno aproveitou e apresentou a dobradura de como fazer um pássaro, o “tsuru”, e no intervalo, fizemos juntos e eu as trouxe para dar de presente às minhas netas.

**- Pegada ilustrada**

- Conversar sobre Pegada Ecológica.
- Explorar o assunto até chegar a diferentes tipos de pegadas.
- Distribuir a turma em quatro ou cinco grupos.
- Solicitar que cada componente do grupo desenhe o contorno de seus pés, em duas folhas.
- Pedir que ilustrem dentro dos contornos de cada pé. No pé direito, desenhos sobre como fica o ambiente se nossa pegada ecológica refletir atitudes saudáveis, de cuidado com o meio ambiente. No pé esquerdo, fazer desenhos alusivos a como fica o ambiente se nossa pegada ecológica exigir muitos recursos naturais do Planeta.
- Após os desenhos prontos, solicitar que cada aluno rasgue cuidadosamente o contorno dos seus pés e, cada grupo colocará as pegadas no chão até formar um círculo e deverão andar ordenadamente sobre as pegadas (ADAMS, 2011, p. 41).

**- Identificando-se com um elemento da natureza**

Objetivo: Promover uma reflexão através da associação do perfil pessoal com algum elemento escolhido entre elementos naturais diversos.

**Desenvolvimento:** Fazer um grande círculo e passar uma caixa contendo diversos elementos naturais, entre eles sugerimos: folhas secas, pedras, galhos, flores, areia, raízes, entre outros. Solicitar que cada participante escolha um dos elementos que tenha alguma relação com suas características pessoais. Após a escolha, solicitar que cada um fale sobre o porquê da escolha.

**Fechamento:** O coordenador pede que todos desenvolvam os elementos para a caixa e que cada um escreva uma mensagem sobre o que a atividade despertou em si. Pode ser uma frase, um pensamento, um conselho, etc. Em seguida, recolhe a frase, mistura-as e lê ao grande grupo. O grande grupo tentará identificar quem escreveu a frase. (ADAMS, 2011, p. 41).

### **- *História dos objetos***

Esta atividade foi planejada especialmente para a aula e realizada em ambiente fechado.

**Objetivos:** Proporcionar uma nova forma de olhar para os objetos de uso cotidiano. Perceber que em cada objeto ou utensílio há uma história, ou curiosidades e características únicas. Criar uma apresentação onde o objeto seja um personagem, ou apenas relatar características do objeto, desde a sua produção até chegar em nossas mãos.

**Material:** Uma caixa ou estojo contendo diversos tipos de objetos pequenos, sendo necessário um para cada participante. Se o número de participantes for maior

que o número de objetos, a atividade poderá ser feita em duplas ou trios.

**Desenvolvimento:** Apresentar a proposta da atividade na qual cada um (ou cada dupla) escolhe, da caixa que passa de mão em mão, um objeto. O objeto escolhido será alvo de investigação quanto a sua história, seu processo de fabricação, de onde veio, sua utilidade, etc.

**Fechamento:** Após alguns minutos, cada um (ou cada dupla) apresenta a história do objeto, aos demais, como desejarem, sendo em forma de relato ou de improvisação.

Impressões destacadas da prática: Esta atividade, igualmente, teve resultados surpreendentes e interessantes. Simples objetos de uso cotidiano como tesourinha, cola bastão, chave, pedra, dado, lápis, entre outros, renderam bons comentários, debates, apresentações artísticas e relatos de pesquisas rápidas na Internet, via smartphone ou computador, e foi possível conhecer detalhes dos objetos que ninguém imaginava.

Havia uma pedra que, através da atividade, aprendemos que se tratava de um geodo. Este elemento caiu, justamente, para uma dupla de alunas, sendo que uma delas é geógrafa, e assim, tivemos direito a uma aula sobre geodos, incluindo desenhos no quadro que explicaram como aquele geodo havia se formado. A explicação foi mais ou menos assim: Geodo é uma formação rochosa que ocorre em rochas vulcânicas. Por fora é constituído de calcário e o seu interior contém

cristais. Estes geodos são formados por bolhas de gás no interior de rochas ígneas e, com o tempo, a parte externa da cavidade endurece e formam-se cristais no interior oco. Eles formam-se ao longo de milhões de anos.

Entre outras curiosidades, aprendemos que a cola bastão foi criada com base nos batons e que a produção de cola é bastante volumosa, e seu processo de fabricação é bem impactante ao meio ambiente. Outro aluno comentou que, quando criança, sua mãe fazia cola com farinha e água, e os alunos já começaram a pesquisar sobre a receita de cola caseira.

Enfim, esta atividade promoveu a troca de conhecimentos e os objetos passaram a ser vistos com um novo olhar, indicando que o objetivo foi plenamente alcançado.

### ***- Caminhada em grupo, em SILÊNCIO***

Objetivo: Andar em silêncio na mata, prestando atenção em tudo.

Desenvolvimento: Caminhar por alguns minutos com o grupo, em silêncio, durante o maior tempo possível, podendo chegar a meia hora, no máximo.

Fechamento: Fazer um grande círculo e solicitar que os alunos coloquem suas impressões sobre a caminhada em silêncio.

Impressões da atividade: Foi possível perceber, durante a caminhada do silêncio, o quanto os alunos ficaram surpresos com esta proposta tão simples, e ao mesmo tempo enriquecedora, pelo fato de estarmos em grupo e não conversarmos, revelando ser um momento raro, portanto, muito significativo. No início, fui à frente para comandar, silenciosamente, a caminhada. Enquanto caminhava, ora eu tocava em troncos – para incentivar o tato –, ora ia bem próximo a alguma planta para ver de perto algum detalhe – para incentivar a visão. Em certos momentos, eu parava para ficar escutando o ruído da mata, o que eles faziam também – para incentivar a audição. No meio da caminhada, chegamos a uma represa. Fizemos uma parada e nos acomodamos para apreciar o local. Como percebi que os alunos ainda não haviam estado ali, convidei o professor Matheus, que nos acompanhava, para contar um pouco da história daquela represa. Mas, antes, disse que quebraríamos o silêncio apenas para escutar o professor e que, em seguida, retomaríamos a caminhada em silêncio, para concluir a atividade. No retorno, fiquei atrás do grupo para observar, e todos demonstraram estar mais integrados ao ambiente, prestando atenção a tudo ao redor. Alguns pegavam objetos do chão, cheiravam flores e folhas, passavam a mão em plumas, penas, galhos. Outros paravam, olhavam para cima e ao redor. De volta ao ponto de partida, fizemos um grande círculo e cada aluno pode expor o que sentiu e percebeu na atividade. As diversas impressões foram muito enriquecedoras, sendo possível perceber coisas que, sem o compartilhamento das sensações, não teríamos percebido. Houve, ainda, o convite de alguns para realizarem atividades dinâmicas

como a proposta de cantar uma canção fazendo gestos, assim como, outro aluno declamou um poema de sua autoria. Assim, a atividade foi encerrada.

**- *Caminhada em duplas, um sem enxergar***

Objetivo: Proporcionar momento de cooperação e ampliar a sensibilidade.

Material: Venda para os olhos (opcional, podendo apenas fechar os olhos e não os abrir durante a atividade)

Desenvolvimento: Formar duplas e propor que um de cada dupla feche os olhos e o outro o conduza até um elemento natural. Tocar, apalpar, retornar ao ponto de partida e, de olhos abertos, tentar descobrir qual foi o elemento que havia tocado com os olhos vendados. A seguir, inverter.

Fechamento: Em um grande círculo, solicitar que comentem o que sentiram e perceberam na atividade.

Impressões da atividade: Foi possível perceber, em certos alunos, certa insegurança quando começaram a andar de olhos fechados que, pouco a pouco, foi se dissipando, na medida em que confiaram na condução do colega. Todos conseguiram identificar o objeto natural para o qual foram conduzidos a explorar de olhos fechados e demonstraram satisfação com a atividade.

### **- Atividades com poemas**

Esta atividade foi realizada dentro da sala de aula.

**Objetivo:** Apresentar poemas como recurso pedagógico de sensibilização.

**Material:** Diferentes poemas, um para cada grupo.

**Desenvolvimento:** Dividir a turma em grupos de, no máximo, cinco participantes e entregar um poema para cada grupo. Cada grupo apresenta ao grande grupo, utilizando qualquer formato, podendo ser em forma de apresentação oral – descrevendo uma proposta de como o poema pode ser utilizado –, ou criar uma cena para apresentar o poema.

**Fechamento:** Os grupos são convidados a apresentarem os resultados para o grande grupo.

Os poemas sugeridos e trabalhados, Adams (2001):

#### **As sementes de Vicente (Grupo 1)**

Fazia dias que não chovia  
Vicente olhava para suas sementes  
Plantadas no canteiro recém feito  
Na terra fofa, ainda dormentes  
De regador, Vicente aguava

Todos os dias um pouquinho  
O novo canteiro da sua nova casa  
E pouco a pouco despertavam  
As pequenas mudas  
De chás, temperos e flores  
Um canteiro que certamente  
Teria muitas cores  
Só que Vicente foi viajar  
E rezava para chover  
Pois suas mudinhas  
Não poderia regar  
Dez dias se passaram  
Sem uma gota de chuva  
Até Vicente retornar  
Triste porque sabia  
O que iria encontrar  
Para sua surpresa  
De longe pode avistar  
Suas mudas verdes e fortes  
Parecendo lhe esperar  
Não conteve a emoção  
Abaixou-se para cumprimentar  
Suas pequenas plantinhas  
Uma a uma, belas e fortes  
Foi quando notou  
Pingos de umidade no chão  
Que iam direto a um outro portão  
Olhou para a casa ao lado  
E viu por detrás da cortina  
O olhar encabulado  
Do seu novo vizinho  
Que sem dizer uma palavra  
Levantou um regador  
Fez sinal de positivo  
E sumiu da janela

E daquele canteiro, por causa da água  
Além de germinarem sementes  
Germinou também  
Uma nova amizade  
Entre o vizinho e Vicente  
(ADAMS, 2011, pp. 72-73)

### **Das flores perfumes e sabores (Grupo 2)**

Em pensar que cada fruta  
Foi um dia uma flor  
Fico aqui a imaginar  
De onde vem tanto sabor  
Frutas grandes e pequenas  
Foram flores perfumadas  
Que com ajuda das abelhas  
Foram logo fecundadas  
Uma das flores mais lindas  
É a flor do maracujá  
E nas floridas laranjeiras  
Fazem ninhos os sabiás  
Das flores nascem sabores  
Mas algumas são somente flores  
Para enfeitar, dar sementes e espalhar  
Os mais diversos odores  
É assim que a natureza  
Faz uma grande integração  
Entre animais e plantas  
Há uma grande relação  
(ADAMS, 2011, pp. 75-76)

### **Finalmente primavera (Grupo 3)**

Quando ouço tantos cantos  
De pássaros a voar  
E sinto tanto perfume  
Das flores pelo ar  
Posso saber  
Disto estou certa  
É a primavera a chegar  
Ela chega de mansinho  
Para tristeza do inverno  
Que sai bem de fininho  
Dando lugar à primavera  
Para que ela possa  
Encantar a mãe Terra  
Primavera que encanta  
Dos mais velhos às crianças  
Embala sonhos e almas  
Ao som de mil cantorias  
Que dançam com a brisa  
Calma e perfumada  
Dos bailados coloridos  
Das flores rosas  
Cravos, jasmims  
E margaridas  
Chegou a Primavera  
Com todos os seus encantos  
Que reinará alguns meses  
Para fazer brotar  
Novas esperanças  
Em todos os seres da Terra  
(ADAMS, 2011, pp. 77)

### **A praça da flor (Grupo 4)**

Há muito tempo atrás  
Na rua onde vovó mora  
Existia uma grande praça  
Onde tem um prédio agora  
Vovó conta muito feliz e animada  
Que lá naquela linda praça  
Havia uma flor encantada  
Só de olharem para ela  
As pessoas riam  
E se enchiam de graça  
Então todos do bairro descobriram  
Que para a tristeza espantar  
Bastava um passeio na praça  
Até a flor da graça encontrar  
Mas o tempo foi passando  
E a cidade foi mudando  
A praça ficou esquecida  
Foi desativada  
E uma loja lá foi construída  
Mas vovó que é muito esperta  
Guardou de recordação  
Várias pétalas da flor  
No seu livro de oração  
Sempre que sente tristeza  
Ela abre aquele livro  
E em poucos instantes  
Abre seu lindo sorriso  
O sorriso da praça  
Da flor cheia de graça  
(ADAMS, 2011, pp. 79-80)

Impressões destacadas da prática: Esta atividade foi bastante emocionante. Dois dos grupos apresentaram

diferentes ideias sobre como o poema poderia ser trabalhado com crianças, de forma interdisciplinar. Outro grupo dividiu o poema em várias partes e convidou alguns colegas para apresentarem, cada um, umas das partes, em forma desordenada, instigando a descobrir do que se tratava o poema, que foi sendo desvendado conforme os versos iam sendo apresentados, ficando o último verso para o final. Outro grupo fez uma belíssima e sensível apresentação artística utilizando desenhos no quadro para cenário, dramatizando o poema, uma apresentação que tocou a todos. No final das apresentações, um dos participantes pediu licença para realizar, com o grupo, uma atividade dinâmica de identificação e reflexão de problemas ambientais locais, que foi publicada em uma revista eletrônica de EA. Além de realizar a dinâmica (LAMIM-GUEDES; MONTEIRO, 2014), Lamim-Guedes apresentou o ambiente virtual da revista eletrônica Educação Ambiental em Ação, sendo ele um dos integrantes da equipe da revista, responsável pela seção Práticas em Educação Ambiental e pela página da revista em uma rede social. Com os equipamentos disponíveis e acesso à Internet, ele apresentou a estrutura da revista e mostrou detalhes do seu artigo contendo a descrição da metodologia de biomapa, aplicada na dinâmica, o que foi muito enriquecedor o fato de vivermos uma atividade prática e, em seguida, conhecer a metodologia detalhada os seus referenciais teóricos.

### **- Dinâmica final: Marcas**

(Autoria desconhecida)

Atividade realizada em sala de aula. Foi realizada na seguinte sequência:

– Entregar uma folha de papel para cada participante e solicitar que observem bem a folha, imaginando nela um ambiente natural, com árvores, animais, água... Quanto mais rico em detalhes for este ambiente imaginado, melhor.

– Solicitar que chacoalhem a folha no alto e escutem, com muita atenção, o som que este chacoalhar produz.

– Solicitar, também, que todos amassem a folha, até formar uma bola de papel.

– Comparar a ação de amassar a folha com a degradação do ambiente.

– Solicitar que desamassem o papel e refletir sobre as marcas deixadas

– Pedir que chacoalhem a folha novamente e percebam a diferença do som, destacando que as agressões a natureza deixam marcas profundas e silenciam muitas vidas.

– Deixar que comentem livremente o que sentiram com a atividade.

*- Atividade final e de avaliação*

Conversar sobre a jornada, pontos positivos, pontos negativos e solicitar a cada um que escreva, em pelo menos dois parágrafos, o que a jornada representou para as suas atividades práticas educacionais, sugestões, críticas (a identificação é opcional) e entregar o papel.



## **Avaliação da jornada**

Avaliar as atividades é fundamental para o aprimoramento das práticas realizadas. Através de diferentes instrumentos avaliativos é possível verificar até que ponto as atividades promovem aprendizado significativo e com sentido.

No início da jornada os alunos foram convidados a escrever o que esperavam da mesma, e no final, em outra folha, foram convidados a escrever se as atividades desenvolvidas corresponderam às suas expectativas, e por quê.

Muitos alunos não puderam permanecer até o final das atividades por terem que se deslocar para suas cidades e, por isto, não deixaram registradas suas impressões finais, porém, ao se despedirem, mostraram-se satisfeitos.

Os demais alunos deixaram suas impressões, que são transcritas a seguir:

*1 – Professora, gostei muito como a aula foi conduzida. Despertar o que está adormecido dentro de*

*nós é uma tarefa difícil, por mais que haja a intenção. Assim, os dois dias de dinâmicas visando a potencialização dos nossos sentidos foram de extrema importância, e creio que observações interiores e exteriores acontecerão nos próximos dias e meses de nossas vidas. Achei muito importante, também, a percepção e consciência de que a sensibilização deve ser buscada, em primeiro, lugar, dentro de nós, para depois ser transmitido ao outro e até mesmo cobrado do outro. Vejo nas pessoas, em geral, e nos colegas de curso, uma falta de tolerância em relação a alguns temas, e a professora ter tocado nessa questão logo nos primeiros minutos de aula foi muito importante para mim, já que vejo a tolerância como essencial ao educador. Bem como a senhora transmite muita calma e tranquilidade para os outros. Enfim, foram dois dias de intenso aprendizado sobre quem somos e o que estamos fazendo como profissionais e o que queremos fazer no futuro, já que as mudanças e as adaptações foram bem estimuladas.*

*2 – Voltei à infância e me vi correndo e brincando no sítio dos meus avós em Atibaia – SP. Lembrei do cheiro do mato e da casa do grande “Seu Antônio”, guardião do sítio e contador de belas histórias, do Curupira, do Lobisomem, do Saci-Pererê. Ele era o caseiro do sítio e andava capinando o mato e fumando o seu cigarrinho de palha. Incrivelmente na dinâmica que fizemos de olhos fechados, o cheiro peculiar de fumo de palha, mato e comida que sentia na casa do “Seu Antônio” surgiu para mim, e isso é apenas um dos exemplos dos presentes que ganhei durante o*

*curso e as aulas de quinta e sexta-feira. A troca de experiências e o compartilhamento de práticas e conhecimentos também foram muito ricos e me fizeram perceber que estamos todos em contínua transformação e todos “deixamos e recebemos um tanto”, como nos diz a música dos novos baianos. “Vou mostrando como sou e vou sendo como posso, jogando meu corpo no mundo, andando por todos os cantos e pela lei natural dos encontros eu deixo e recebo um tanto e passo os olhos, nus ou vestidos de lunetas passado, presente, futuro, participo sendo o mistério do Planeta.*

*3 – Estes dois dias foram muito produtivos, pois entramos em contato com o ambiente externo pela primeira vez em aula neste módulo. Isso foi muito rico e prazeroso. Além disso, as dinâmicas foram maravilhosas e ajudaram no contato com o grupo. Trocamos muitas ideias e experiências e conhecemos melhor uns aos outros. Pudemos expor nossas opiniões e discutir diferentes pontos de vista, aprendemos e ensinamos. Também ouvi várias vezes a palavra “sensibilização”, e isso é curioso, porque acho que esta aula, sem dúvida, me deixou mais sensível. Inclusive me emocionei em vários momentos, tanto na fala da professora quanto na dos colegas. Gostaria de agradecer muito pela aula e pelas atividades que foram importantes em vários aspectos.*

*4 – A jornada não poderia ter sido diferente. Foi muito bom poder contar, compartilhar as nossas experiências, pois elas nos enriquecem ainda mais. O tema foi muito bem trabalhado, o seu trabalho tem sido*

*um exemplo que nós, aqui presentes, possamos seguir alguns passos seus. E como na dinâmica da folha, uma vez tendo o conhecimento, não dá mais para fechar os olhos para a realidade que nos cerca. Com todo o conhecimento adquirido aqui devemos sim pôr em prática e colher bons frutos. Muito obrigada pela sua dedicação, sensibilidade e carinho para com todos nós e principalmente por acreditar que é com Educação Ambiental que teremos um mundo melhor.*

*5 – Avaliação:*

*- Prática e objetiva, cumpriu o conteúdo que eu esperava discutir.*

*- Integrativa e valorizou a individualidade dentro do coletivo.*

*- Foi, ora cansativo pela repetição, mas positivo para a fixação.*

*- As dinâmicas e material de apoio foram bastante coesos ao curso e forma de se proceder em Educação Ambiental.*

*6 – Os dias em que vivenciamos as dinâmicas foram proveitosos, pois nos proporcionou trabalhar os sentidos, o autoconhecimento, vivências coletivas e troca de experiências.*

*7 – A jornada foi muito além das minhas expectativas e consegui explorar uma sensibilização que*

*nunca e jamais imaginei que pudesse existir, mesmo sendo completamente apaixonada pela natureza, não conhecia algumas técnicas de sensibilização. Como foi falado pela professora, e era exatamente o que eu pensava, esse contato não precisa ser necessariamente visual, e nesses outros sentidos eu senti uma emoção ainda maior. Aguçar os sentidos e utilizar outras técnicas (audição/silêncio) foi realmente de uma riqueza na minha vida, um sentimento que tocou e me deixou ainda mais apaixonada. Esse foi um aprendizado que vou levar para toda a minha vida, carregou minhas energias de uma forma tão intensa que não me imagino fazendo outra coisa a não ser acreditar na Educação Ambiental, e transmitir esses conhecimentos.*

*8 - Riqueza – Possibilidades – Ideias – Conteúdo – Didática*

*Infinitas possibilidades para dinâmicas – sensibilização. Os assuntos foram abordados e sensibilizados de forma simples, clara e completa. Didática surpreendente e inclusiva, uma riqueza de valores e saberes. Método de fácil compreensão, o material demonstra quão sensivelmente foi elaborado, além do carinho transmitido. Não imagino alguma crítica para esta vivência, desculpe. Muita gratidão pelo compartilhar de vida.*

*9 – As impressões que tive nesses dois últimos dias foram as melhores possíveis, pois as atividades propostas estão ao alcance de todos e não são engessadas, podendo ser adaptadas de acordo com a*

*necessidade de um determinado grupo. A partir dessas dinâmicas pude perceber o quão o grupo de EA 2015 é dinâmico e criativo, algo que eu, particularmente, não havia notado antes.*

*10 – Foram dois dias de uma jornada com experiências muito boas. Foi uma experimentação de novos sentimentos e o despertar dos sentidos que há muito tempo não dava importância. Foram experiências enriquecedoras que levarei para além do trabalho, para a vida.*

*11 – Em síntese: O maior aprendizado que levo destes dois dias é: Que “despertar” o próximo, independente da fórmula/método de abordagem, é um aprendizado para ele e para nós.*

*12 – Os dois dias de aula foram muito proveitosos, me sinto revigorada e melhor como pessoa. Saio daqui hoje levando uma bagagem maior do que a que eu trouxe, uma bagagem de conhecimentos que poderei compartilhar com meus alunos, experiências incríveis e significativas.*

*13 – Gostei muito das aulas, foi uma experiência muito boa, pois além de aprender as dinâmicas para trabalhar com as crianças, aprendi técnicas de como me preparar para passar esses conhecimentos, pois sou uma pessoa muito agitada e deixo transparecer isto, então, o melhor que estou levando foi a minha transformação. Colocarei em prática todo aprendizado em mim e passarei para meus educandos.*

*14 – Não poderei chamar estas aulas com outra palavra senão: Presente! Foram dois dias de vivências prazerosas e muito humanas, ocorrendo experiências sensibilizadoras e cativantes.*

*15 – As dinâmicas foram bastante participativas e expôs as vivências da professora. A forma como foram conduzidas agradou bastante. A dica da revista eletrônica, além do material fornecido, proporcionou um bom embasamento teórico, prático e de referência para os alunos.*



## **Resultados**

Pelo que foi possível observar nas atividades práticas e dinâmicas desenvolvidas durante a jornada, a maioria dos participantes evidenciou um forte envolvimento afetivo e emocional, o que promoveu maior entrosamento com o grupo, com a professora e com o ambiente. O grupo evidenciou uma sensação de despertar, bem estar, integração, contentamento e paz.

Foi evidente que as dinâmicas de sensibilização tocaram cada aluno, durante a jornada, pelas exposições apresentadas e pelas emoções relatadas, o que confirma que estas técnicas são importantes ferramentas para os trabalhos de EA, que buscam a conscientização e mudanças de postura.

As dinâmicas trazem a ludicidade ao aprendizado e promovem experimentação com envolvimento afetivo e cognitivo, o que contempla o desejo apresentado por Evangelista e Soares (2001). Os autores consideram que:

[...] faz-se necessária uma junção entre as atividades lúdicas e a EA, como meio de proporcionar uma EA mais efetiva e que se distancie das formas tradicionais utilizadas em seu tratamento e uso. A EA deve ser libertadora e causar mudanças significativas na vida das pessoas. E o lúdico faz isso. Essa junção é possível. (EVANGELISTA e SOARES, 2011, p. 1)

Estas técnicas, também são fundamentais para serem desenvolvidas em ambientes escolares, porque, segundo Evangelista e Soares (2011):

Técnicas como jogos, atividades fora de sala de aula, gincanas, simulações, teatros, atividades artísticas, oficinas de desenho e oficinas de pintura, experiências práticas, produções de materiais pedagógicos, projetos ou qualquer outra atividade que conduza os alunos a serem reconhecidos como agentes ativos no processo de conscientização e, principalmente, sensibilização, são técnicas importantes de serem trabalhadas nas escolas. (EVANGELISTA e SOARES, 2011, p.8)

Além do que foi observado, os dados coletados nas avaliações descritivas finais, elaboradas pela maioria dos participantes, foi possível perceber que a jornada alcançou o seu principal objetivo: o de ampliar a visão de cada um a respeito da importância da sensibilidade para a Educação Ambiental.

Existem, ainda, outros instrumentos de avaliação das atividades, entre eles, questionários mais abrangentes a serem respondidos antes e depois da realização das atividades, por exemplo.

Os resultados que advém dos cruzamentos das respostas, indicarão se houve aprendizado com as atividades desenvolvidas e evidenciam, também, lacunas que podem indicar reforços no trabalho de determinados temas.



## **Considerações finais**

Ao percorrer por essa trilha sobre sentidos, sentimentos, emoções, em atividades educacionais, adquiri, ou redescobri, um olhar diferenciado sobre a real importância das atividades de sensibilização em nossas ações, tanto pessoais, quanto para a EA.

Os resultados das atividades práticas, sem dúvida, foram coesos aos aspectos teóricos abordados e foram surpreendentes, emocionantes, tanto para os alunos, quanto para mim.

Houve uma forte e perceptível sensação de integração de todos consigo mesmos, com os outros, com o grupo, com a ambiência, com o todo, comprovando a sinergia advinda das atividades dinâmicas e de sensibilização.

As sensações descritas, as descobertas, as palavras, os olhares e a participação envolvente dos alunos se assemelham com o relato de Matheus (2012):

Para mim, a beleza maior foi descobrir a integração, a sinergia entre tudo o que existe e que as coisas funcionam de forma interdependente, e que também faço parte dessa engrenagem perfeita, sentindo-me, por isto, responsável por ela. (MATHEUS, 2012, p. 257)

Esta jornada, prática e teórica, representa, pois, uma experiência de EA bastante significativa, que confirma e amplia a nossa responsabilidade quanto educadores. Entre tantas outras, temos a responsabilidade de promover mudanças de atitudes, principalmente a partir das sensações, das emoções, de práticas que nos aproximem e que aproximem os nossos semelhantes à essência da vida, por que:

Como educadores precisamos ressignificar o nosso existir, fazer as pessoas sonharem e, através dos sonhos, despertar nelas o sentido da vida. (MATHEUS, 2012, p. 261)

Sensibilizar-se é conectar-se com a essência da vida, de corpo, mente e alma.

### ***Redescobrir***

*Gonzaguinha*

*Como se fora brincadeira de roda (memória)*

*Vai o bicho-homem fruto da semente (memória)*

*Renascer da própria força, própria luz e fé (memória)*

*Entender que tudo é nosso, sempre esteve em nós  
(história)*

*Somos a semente, ato, mente e voz (magia)*

*Não tenha medo meu menino povo (memória)*

*Tudo principia na própria pessoa (beleza)*  
*Vai como a criança que não teme o tempo (mistério)*  
*Amor a se fazer é tão prazer que é como fosse dor*  
*(magia)*

*Como se fora brincadeira de roda (memória)*  
*Jogo do trabalho na dança das mãos (macias)*  
*O suor dos corpos na canção da vida (história)*  
*O suor da vida no calor de irmãos (magia)*  
*Como um animal que sabe da floresta (perigosa)*  
*Redescobrir o sal que está na própria pele (macia)*  
*Redescobrir o doce no lamber das línguas (macias)*  
*Redescobrir o gosto e o sabor da festa (magia)*  
*Vai o bicho homem fruto da semente (memória)*  
*Renascer da própria força, própria luz e fé (memória)*  
*Entender que tudo é nosso, sempre esteve em nós*  
*(história)*

*Somos a semente, ato, mente e voz (magia)*  
*Não tenha medo, meu menino bobo (memória)*  
*Tudo principia na própria pessoa (beleza)*  
*Vai como a criança que não teme o tempo (mistério)*  
*Amor se fazer é tão prazer que é como se fosse dor*  
*(magia)*

*Como se fora brincadeira de roda (memória)*  
*Jogo do trabalho na dança das mãos (macias)*  
*O suor dos corpos na canção da vida (história)*  
*O suor da vida no calor de irmãos (magia)...*

Sensibilizar-se é, também, uma oportunidade para redescobrir o mundo, a partir de uma auto-redescoberta.



## Referências Bibliográficas

ADAMS, B. G. **Liberdade para a sensibilidade**. Jornal NH, Novo Hamburgo, 15 jan. 2015. p 12.

\_\_\_\_\_. **Ciranda Cirandona**. Jornal NH, Novo Hamburgo, 12 dez. 2014. p 12.

\_\_\_\_\_. **Coletânea de entrevistas da revista eletrônica Educação Ambiental em Ação**. [recurso eletrônico] / Novo Hamburgo: Berenice Gehlen Adams, 2014. Disponível em: <http://www.apoema.com.br/EntrevistasRevistaEAemacaoFinal.pdf>> Acesso em: 20 dez. 2014.

\_\_\_\_\_. **Coletânea de práticas para educação ambiental: para professores da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental**. Novo Hamburgo: Apoema, 2011.

\_\_\_\_\_. **Um corpo chamado universo**. In: Educação ambiental em ação [arquivo de dados legíveis por máquina <http://www.revistaea.org>] / Novo Hamburgo. Editores: Berenice Gehlen Adams, Sandra Maria Martins Barbosa, Solange T. de Lima Guimarães. Ano I – Nº 3, dez. 2001/fev. 2002. Disponível em:

<<http://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=71>> Acesso em: dez. 2014.

AUSUBEL, D. P. **A aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel.** São Paulo: Ed.Moraes, 1982.

BARROS, B. B. **A fábrica de peles: Hundertwasser e o caminhar contemporâneo.** 2008. 100 f. Dissertação (Mestrado em Artes) - Centro de Educação e Humanidades Instituto de Artes - Universidade do Estado do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro. Disponível em:<<http://www.ppgartes.uerj.br/discentes/dissertacoes/dismestbiancabernardo2008.pdf>> Acesso em: 4 abr. 2015.

BOFF, L. **Outro paradigma: escutar a natureza.** 2011. Disponível em: < <https://leonardoboff.wordpress.com/>> Acesso em: 28 set. 2014.

BRASIL. Ministério do Turismo. Coordenação Geral de Regionalização. **Programa de Regionalização do Turismo - Roteiros do Brasil : Módulo Operacional 1: Sensibilização** / Ministério do Turismo. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico. Coordenação Geral de Regionalização. – Brasília, 2007.

COMPRAR, TIRAR, COMPRAR - **La historia secreta de la Obsolescencia Programada.** Direção de Cosima Danneritzer. Espanha-França: Arte France, Televisión Española y Televisión de Catalunya. 2010. Documentário. 52 min. Colorido. Disponível em: <<http://www.rtve.es/alacarta/videos/el-documental/documental-comprar-tirar-comprar/1382261/>> . Acesso em: 14 dez. 2014.

COSTA, M. da C. C. **Freinet: suas contribuições ao processo de sensibilização ambiental, em especial a “Aula das Descobertas”**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

DUARTE JR, J. F. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. 2000. 234 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, São Paulo. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000211363&fd=y>> Acesso em: 12 abr. 2015.

EVANGELISTA, L. de M.; SOARES, M. H. F. B. **Atividades lúdicas no desenvolvimento da educação ambiental** in: II SEAT – Simpósio de Educação Ambiental e Transdisciplinaridade UFG / IESA / NUPEAT - Goiânia, mai. 2011.

GUIMARÃES, S. T. de L. **Transformando utopia em realidade: sobre educar para a esperança...** In: MATHEUS, C. E.; MORAES, A. J. (Orgs.) Educação ambiental – momento de reflexão. São Carlos: RiMa Editora, 2012.

\_\_\_\_\_. **Percepção, interpretação ambiental e aprendizados experienciais**. In: Anais do I Encontro Metropolitano de Educação Ambiental Martim Pescador, 2008. Disponível em: <<http://www.apoema.com.br/EncontroMP.htm>> . Acesso em: 12 jul. 2014.

JAHARA-PRADIPTO, M. **Zen Shiatsu: Equilíbrio energético e Consciência do Corpo**. São Paulo: Summus, 1986.

LAMIM-GUEDES, V.; MONTEIRO, R. de A., A. **Diagnóstico participativo: uso da metodologia Biomapa para o Bairro do Gonzaga de Santos/SP.** In: Educação ambiental em ação [arquivo de dados legíveis por máquina <http://www.revistaea.org>] / Novo Hamburgo. Editores: Berenice Gehlen Adams, Sandra Maria Martins Barbosa, Solange T. de Lima Guimarães. Ano XIII – N° 50, 2014. Disponível em: <<http://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=1938>> Acesso em: fev. 2015.

MATAREZI, J. **Despertando os sentidos da educação ambiental** In: Educar, Curitiba: Editora UFPR, n. 27, p. 181-199, 2006.

MATHEUS, C. E. **Educação e Transformação da pessoa humana – reflexões sobre a vida, tendo como “pano de fundo” o curso de especialização em educação ambiental e recursos hídricos da Universidade de São Paulo.** In: MATHEUS, C. E.; MORAES, A. J. (Orgs.) Educação ambiental – momento de reflexão. São Carlos: RiMa Editora, 2012, pp. 254-269.

\_\_\_\_\_. **Chácara São Matheus – uma história de amor e de respeito à natureza.** São Carlos: RiMa Editora, 2014.

MATHEUS, C. E.; MORAES, A. J. De; CAFFAGNI, C. W. do A. **Educação Ambiental para o turismo sustentável. Vivências integradas e outras estratégias metodológicas.** São Carlos: RiMa Editora, 2005.

MATHEUS, C. E.; MORAES, A. J. (Orgs.) **Educação ambiental – momento de reflexão.** São Carlos: RiMa Editora, 2012.

MOURA, A. C. de O. S. de. **Sensibilização diferentes olhares na busca dos significados**. Dissertação de Mestrado em Educação Ambiental (MEA) da Fundação Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Rio Grande, 2004.

OTA, S. ; GRASSANI L. A. **Guia de educação ambiental para o clube da árvore**. SPVS - Sociedade de Pesquisa em Vida Selvagem e Educação Ambiental. Curitiba, 2008.

PLANO DE MANEJO PARQUE NACIONAL DA SERRA DO ITAJAÍ. **Os educadores e o Parque Nacional da Serra do Itajaí**. Disponível em:

<[http://www.mma.gov.br/estruturas/pda/\\_arquivos/prj\\_mc\\_09\\_0\\_pub\\_car\\_001\\_uc.pdf](http://www.mma.gov.br/estruturas/pda/_arquivos/prj_mc_09_0_pub_car_001_uc.pdf)> Acesso em 12 dez. 2012.

RESENDE, O. L. **Vista cansada**. Folha de S.Paulo. São Paulo. 23 fev 1992. Disponível em: <[http://www.releituras.com/olresende\\_vista.asp](http://www.releituras.com/olresende_vista.asp)>. Acesso em: 20 fev. 2014.

RUSS, B. R.; ALMEIDA, D. C. de; SAVI, M. **Sensibilização ambiental através da arte**. In: Educação ambiental em ação [arquivo de dados legíveis por máquina <http://www.revistaea.org>] / Novo Hamburgo. Editores: Berenice Gehlen Adams, Sandra Maria Martins Barbosa, Solange T. de Lima Guimarães. Ano VIII – n. 28, 2009. Disponível em: <<http://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=722>> Acesso em: mar. 2015.

SILVA, A. M. da. **Educação Ambiental: ensinando e aprendendo no trecho médio da bacia hidrográfica do Rio Paraíba do Sul. (SP)**. In: MATHEUS et al Orgs. Educação Ambiental – transformando utopia em realidade. São Carlos: RiMa Editora, 2012.

OLIVEIRA, T. L. de F.; VARGAS, I. A. de. **Vivências integradas à natureza: por uma educação ambiental que estimule os sentidos.** Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient. v. 22, 2009.

STAHNKE, L. F. **Você sabia que a educação ambiental é um processo que inicia com a percepção do ambiente?** In: Educação ambiental em ação [arquivo de dados legíveis por máquina <http://www.revistaea.org>] / Novo Hamburgo: Editores: Berenice Gehlen Adams, Sandra Maria Martins Barbosa, Solange T. de Lima Guimarães. Ano XII – Nº 45, 2013. Disponível em: <<http://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=1562>> Acesso em: fev. 2015.